

Mestrado em Arqueologia

Um Tesouro Monetário Baixo-Imperial do Castro do Monte Mozinho (Penafiel)

Henrique Pereira Ferreira

M

2017



Henrique Pereira Ferreira

**Um Tesouro Monetário Baixo-Imperial do Castro do Monte
Mozinho (Penafiel)**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo Professor
Doutor Rui Manuel Sobral Centeno

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017

Um Tesouro Monetário Baixo-Imperial do Castro do Monte Mozinho (Penafiel)

Henrique Pereira Ferreira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo Professor
Doutor Rui Manuel Sobral Centeno

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Rui Manuel Sobral Centeno
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores

*To the glory that was Greece,
And the grandeur that was Rome.*

Edgar Allan Poe, "To Helen", 1845.

Sumário

| | |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| Agradecimentos | 9 |
| Resumo | 11 |
| Abstract..... | 12 |
| Índice de ilustrações | 13 |
| Índice de tabelas e de gráficos..... | 14 |
| Lista de abreviaturas e siglas | 15 |
| Introdução..... | 18 |
| | |
| I PARTE - ESTUDO DO TESOURO DE MOZINHO 2004..... | 19 |
| 1. O Castro de Monte Mozinho | 20 |
| 2. Método e estado da arte | 24 |
| 2.1. Método | 24 |
| 2.2. Estado da Arte..... | 25 |
| 3. Enquadramento do tesouro | 28 |
| 3.1. Tesouros monetários | 28 |
| 3.2. Estudos numismáticos sobre Monte Mozinho | 33 |
| 3.3. O achado do tesouro | 35 |
| 4. Análise do tesouro | 38 |
| 4.1. Governantes representados no tesouro | 38 |
| 4.2. Tipos de Reversos..... | 43 |
| 4.3. Casas da moeda por períodos de emissão..... | 46 |
| 4.4. Imitações..... | 48 |
| 4.5. Fluxos de emissão por períodos cronológicos | 50 |
| 4.6. Variantes de outras moedas | 52 |
| 5. Comparação com o tesouro de Chaira..... | 54 |
| | |
| II PARTE - CATÁLOGO DAS MOEDAS DO TESOURO DE MONTE MOZINHO 2004 | 57 |
| 1. Organização do catálogo | 58 |
| 2. Periodização..... | 60 |
| 3. Catálogo..... | 66 |

| | |
|----------------------------------|-----|
| Considerações finais | 98 |
| Referências bibliográficas | 100 |
| Est. I..... | 105 |
| Est. II | 106 |
| Est. III..... | 107 |

Agradecimentos

Aquando da reunião para o ingresso no Mestrado de Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, propus desenvolver algo junto ao meu município de origem e onde habito, Penafiel. Esse sempre foi o ponto essencial, restava, pois, descobrir o meu tema.

Este tema surgiu graças ao meu orientador, Prof. Doutor Rui Centeno, que fez crescer em mim o gosto pela Numismática Antiga, na cadeira que rege, e a quem agradeço todas as horas de reunião, todos os ensinamentos passados, paciência, disponibilidade e confiança no meu trabalho. Agradeço também ao Prof. Doutor Rui Morais todo o auxílio na fase inicial de desenvolvimento deste trabalho e o interesse demonstrado, bem como à Prof. Doutora Teresa Soeiro, todas as sugestões e apoio à elaboração desta dissertação sobre uma terra que, para ambos, é certamente muito querida.

Depois, dirijo uma palavra ao Museu Municipal de Penafiel, recordando os meses passados naquela instituição, que senti como uma extensão da minha casa. Fiz parte do grupo de trabalho, tendo por isso de agradecer a toda a equipa do museu, em especial, à Dra. Maria José Santos, a disponibilidade e ajuda que me foi proporcionada e às Dra. Laura Sousa e à Dra. Helena Bernardo, a amizade, boa disposição, ajuda e a confiança que depositaram em mim.

Agradeço a todos os voluntários, arqueólogos e técnicos responsáveis das várias escavações arqueológicas em que tive oportunidade de participar o muito que me ensinaram. Em especial, tenho de agradecer ao Pedro Pereira e ao Tony Silvino, por me acolherem no seu projeto e pela amizade, paciência e vontade de transmitir conhecimentos durante os 3 anos em que participei no projeto de Pegarinhos (Alijó).

Aos meus pais e à minha família, agradeço por acreditarem sempre em mim, pelo carinho, atenção, paciência, motivação e, acima de tudo, por me mostrarem a importância do trabalho, através do esforço deles, sempre com humildade e respeito pelo próximo.

A todos os meus amigos um obrigado pelos anos que passaram e pelos que virão,

esperando contar convosco ainda mais do que pude até agora. Em especial, tenho de agradecer aos amigos da “colheita” de 2012, que me fizeram crescer, conhecer pessoas tão diferentes e maravilhosas, eles que me acompanharam desde a entrada até ao encerrar de mais um ciclo, ainda que me falem as palavras para lhes expressar a minha gratidão e para contar algumas das nossas histórias... histórias e amizades que ficarão para a vida.

Resumo

A seguinte dissertação desenvolveu-se no âmbito do Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sendo que grande parte do trabalho de investigação realizou-se no Museu Municipal de Penafiel. O objetivo foi estudar as moedas do Baixo Império, provenientes de uma escavação realizada em 2004, no castro do Monte Mozinho, Penafiel.

Este tesouro encontra-se dividido, cerca de metade está guardado em reservas e o restante em exposição. O estudo foi iniciado pelas moedas em reserva e depois passou-se a estudar as expostas. Inicialmente, optamos, por uma separação dos espécimes por tipo de reverso, passando depois a uma análise de cada moeda que compõe o tesouro de 1498 numismas.

Criou-se uma ficha individual em suporte digital com a classificação e descrição de cada moeda e uma base de dados, de modo a facilitar todo o agrupamento e tratamento da informação. O objetivo final centrou-se na realização de um catálogo para uma descrição mais pormenorizada, perceptível e individualizada. A partir dele pudemos ensaiar uma primeira interpretação e valorização histórica deste achado no contexto do povoado e da região.

Palavras-chave: Numismática, Moeda, Tesouro romano, Castro de Monte Mozinho, Penafiel.

Abstract

The following work was completed as the final project of the Archeology Masters of Faculty of Arts of University of Porto, and it was developed in collaboration with the Museu Municipal de Penafiel. The objective of this work was to study the coins of the Late Empire found in an excavation conducted in 2004 in the *castrum* of Monte Mozinho, Penafiel.

When this treasure was found, it was divided in two. About half of it was kept in reserves and the rest was on display. The coins in the reserves were the first ones to be analysed, followed by the ones on exhibition. It was initially decided that the coins would be analysed according to the type of reverse. The next stage was to fully analyse each of the 1498 coins of the treasure.

Individual records were created in digital format including classification and description for each coin and a database, in order to facilitate the grouping and analysis of the data. The final goal was to create a catalogue which included a more detailed, understandable and individualized description of every coin of the treasure. From it we were able to rehearse a first interpretation and a historical valuation of this finding in the context of the village and the region.

Keywords: Numismatic, Coin, Roman Treasure, Castrum of Monte Mozinho, Penafiel.

Índice de ilustrações

Imagem 1. Município de Penafiel: sítios tardo-romanos (página 20).

Imagem 2. Castro de Monte Mozinho, 1998 (página 22).

Imagem 3. Pote cerâmico que continha o tesouro (página 30).

Imagem 4. Desenho do pote (página 30).

Imagem 5. Recipiente que continha o tesouro do Mozinho, estudado em 1984-5 por Sérgio Lira. (página 31).

Imagem 6. Planta da vala, indicada com o número 3 (página 35).

Imagem 7. Relação do tesouro com o cunhal da casa (página 36).

Imagem 8. Tesouro no seu contexto de achado (página 37).

Índice de tabelas e de gráficos

Gráfico 1. Distribuição percentual do tesouro por períodos cronológicos (valores aproximados à segunda casa decimal) (página 33).

Quadro 1. Distribuição das moedas por governantes e casas da moeda (página 42).

Quadro 2. Distribuição das moedas por tipos de reversos e casas da moeda (página 44).

Quadro 3. Casas da moeda por períodos de emissão (página 48).

Quadro 4. Imitações e emissões oficiais por períodos de emissão (página 49).

Gráfico 2. Permilagem do número de moedas em cada período e a variação dos seus fluxos (página 51).

Gráfico 3. Permilagem do número de moedas por períodos corrigidos e a variação dos fluxos (página 51).

Gráfico 4. Percentagem das estruturas dos tesouros do Mozinho e de Chaira (página 55).

Lista de abreviaturas e siglas

| | | | |
|----------------------------------------|----------------------|------|-------------------------|
| Abreviaturas usadas no catálogo | | Cp | <i>Constantinopolis</i> |
| | | Cs | Constantius II |
| Ant | Antoniniano | D | Delmatius |
| C.M. | Casa da Moeda | E | Eugenius |
| Den | Denominação da moeda | G | Constantius Gallus |
| FH | Falling Horseman | Gr | Gratianus |
| (cavalo caído) | | H | Helena |
| Gov | Governante | Hn | Honorius |
| Gr | Gramas | J | Iulianus II |
| N | Nummus | M | Magnentius |
| | | Mm | Magnus Maximus |
| Governantes | | P | Procopius |
| | | T | Theodora |
| A | Arcadius | Te 1 | Tetricus I |
| Ae | Aelia Flaccilla | Th 1 | Theodosius I |
| C 1 | Constantinus I | Th 2 | Theodosius II |
| C 2 | Constantinus II | Ur | <i>Vrbs Roma</i> |
| C 3 | Constantinus III | V 1 | Valentinianus I |
| Car | Carausius | V 2 | Valentinianus II |
| Cc | Constantius I | Vic | Victorinus |
| Cl 2 | Claudius II | Vn | Valens |
| Cn | Constans | | |

Ile Ilegível

Casas da moeda

| | | | |
|------|--------------|-----|------------------------------|
| Lon | Londinium | H | Heraclea |
| Tr | Treveri | Con | Constantinopolis |
| Lug | Lugdunum | Ni | Nicomedia |
| Ar | Arelate | Cyz | Cyzicus |
| R | Roma | Ant | Antioquia |
| Sis | Siscia | Ale | Alexandria |
| Sir | Sirmium | Oc | Casas da moeda ocidentais |
| Aq | Aquileia | Or | Casas da moeda orientais |
| Th | Thessalonica | | |
| Imit | Imitação | Ile | Ilegível |

Obras de referência

BRUCK BRUCK, G., *Die Spatromische Kupferprägung, Ein Bestimmungsbuch für schlacht erhaltene Münzen*, Graz, 1961.

LRBC CARSON, R. A. G., HILL, P. V., KENT, J. P. C., *Late Roman Bronze Coinage*, New York, reimpr., 1978.

RIC WEBB, P. H., SUTHERLAND, C. H. V., BRUNN, P. M., KENT, J. P. C., PEARCE, J. W., *The Roman Imperial Coinage*, Vols. V-1, V-2, VII, VIII, IX e X, London, Spink & Son, LTD., 1966-1994.

Abreviaturas bibliográficas

CM CARVALHO, T., QUEIROGA, F., “O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos”, *Cadernos do Museu*, nº 11, Penafiel, 2005, pp. 121-153.

Conimbriga PEREIRA, I., BOST, J.-P., HIERNARD, J., *Fouilles de Conimbriga. III Les Monnaies*, Paris, 1974.

TMEDAT PINTO, J., “Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega”, *Nvmmvs*, 2ª S., XXVIII/XXX, Porto, S.P.N., 2005-07, pp. 7-299.

TMTC BARBOSA, J., “O Tesouro monetário tardirromano de Chaira (Vinhais, Bragança)”, *Nvmmvs*, 2ª S., XXVII, Porto, S.P.N., 2004, pp. 7-175.

Introdução

O trabalho aqui apresentado desenvolveu-se no âmbito do Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sendo orientado cientificamente pelo Professor Rui Manuel Sobral Centeno. Trata-se de um estudo de caso, que tem por objeto o tesouro de moedas romanas encontrado no Castro de Monte Mozinho (Penafiel), durante a campanha de escavações de 2004.

O estudo numismático deste tesouro apresentou logo de início alguns obstáculos. Em primeiro lugar, a nossa falta de experiência no estudo de numismas baixo-imperiais, o que, associado à fraca qualidade e mau estado dos exemplares achados, devido ao longo período em que permaneceram em circulação, estando alguns mesmo fragmentados, fizeram com que a sua identificação apresentasse grandes dificuldades. Além da fraca qualidade deste material, o facto de o número de moedas ser muito elevado, tornou o processo moroso. Outro dos obstáculos prendeu-se com a falta de tratamento e limpeza das moedas. Devido ao seu elevado número e escassez de recursos, de momento mostrou-se incomportável custo de tal operação, que facilitaria a leitura de certas moedas consideradas ilegíveis neste trabalho. Por fim, o longo tempo que foi necessário para a classificação de um tão significativo número de moedas, não nos permitiu desenvolver, como desejávamos, um estudo mais detalhado deste tesouro, pelo que limitamos este exercício a um paralelo que nos pareceu adequado, o tesouro de Chaira.

A importância do estudo deste achado é acrescida, pelo facto de se tratar de um tesouro encontrado em contexto de escavação e de estar, e, princípio, íntegro. Assim, a data do seu ocultamento poderá contribuir para o estabelecimento da cronologia e problematização do abandono desta zona do Castro. Além disso, este tesouro pode traduzir parte da massa monetária que circularia à época em Mozinho, permitindo conhecer a sua proveniência, os tipos de reverso mais cunhados, o imperador com mais representação monetária e as décadas de maior relevo no abastecimento de moeda.

I PARTE - ESTUDO DO TESOURO DE MOZINHO 2004

1. O Castro de Monte Mozinho

Monte Mozinho é o topónimo usado para designar um castro, povoado de altura, concentrado e fortificado, de que se desconhece o nome antigo, mas que teria sido erguido e habitado desde a mudança da era por uma população pertencente aos Galaicos¹. Este castro situa-se entre as freguesias de Oldrões e Galegos, concelho de Penafiel, distrito do Porto.

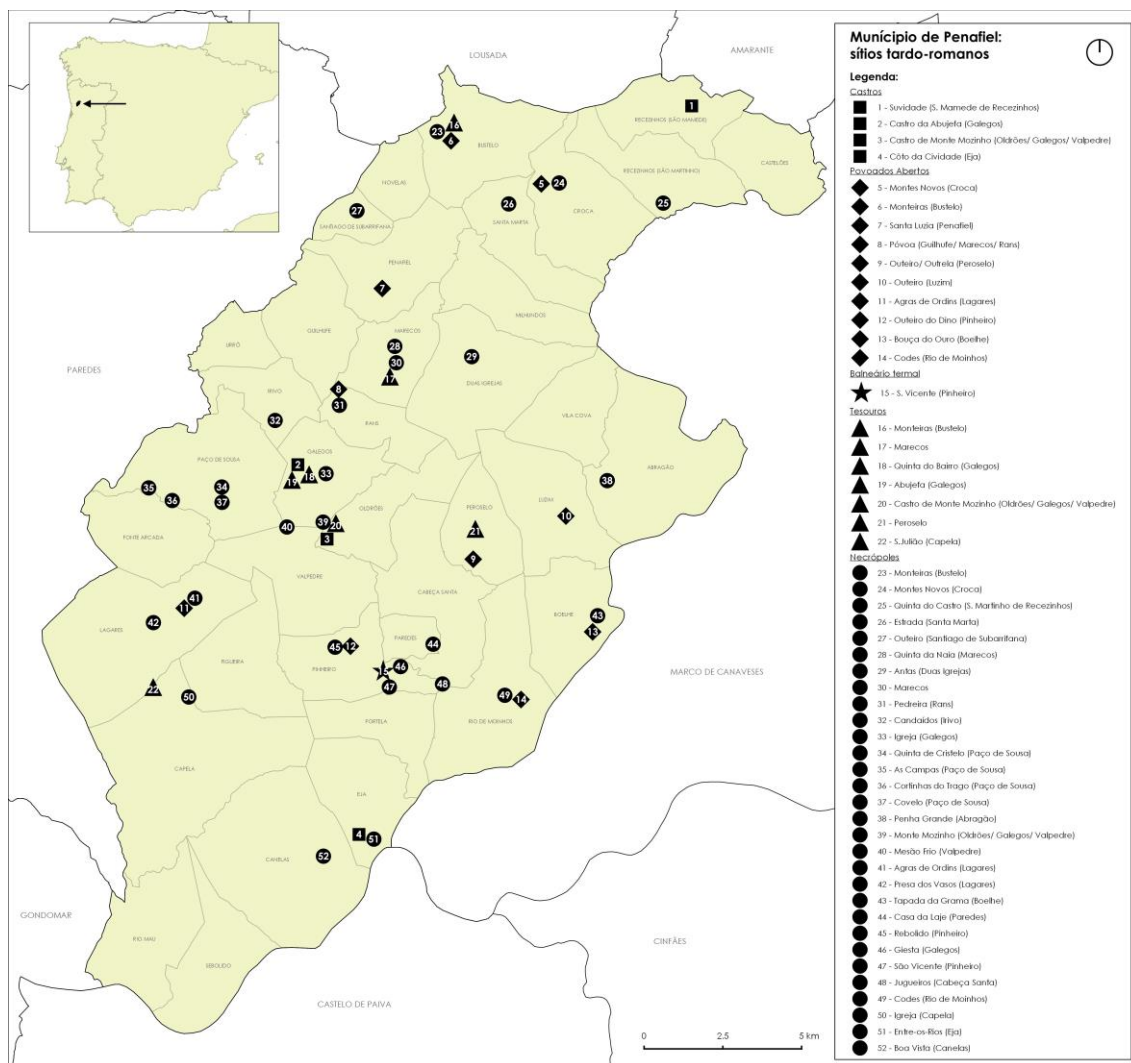


Imagem 1. Município de Penafiel: sítios tar-do-romanos. Fonte: SOEIRO, Teresa, *Município de Penafiel: sítios tar-do-romanos*, 2017.

¹ SOEIRO, Teresa, *Monte Mozinho: sítio arqueológico*, Museu Municipal de Penafiel, 1998, p. 13.

A descoberta do Monte Mozinho, enquanto sítio arqueológico, dá-se na segunda década do século XX². José Monteiro de Aguiar, um erudito local, aí recolhe materiais que envia para o Museu de Antropologia da Universidade do Porto e promove a visita de estudiosos, entre os quais figura Lacerda Machado, o primeiro a publicar um estudo sobre o castro, em 1920³. Um segundo estudo, foi realizado em 1931, por José de Pinho, que divulgou os materiais pilhados na necrópole, recolhidos por Abílio Miranda⁴.

As primeiras escavações arqueológicas no sítio decorrem entre 1943-1954, dirigidas por Elísio de Sousa⁵. Incidiram sobre a plataforma média do povoado (futuro setor B) e nelas foram achados vários tesouros numismáticos baixo imperiais, de que deu notícia sumária⁶. Os trabalhos são retomados no castro em 1974, sob a direção de Carlos Alberto Ferreira de Almeida⁷, a que deu sequência Teresa Soeiro, até 1998, ano em que ficou terminada a recuperação de toda a área anteriormente escavada⁸. A partir de 2001, a direção das escavações é liderada por Teresa Pires de Carvalho⁹.

Este castro, com grande dimensão, tem ocupações que vão de Augusto ao século V, uma longa diacronia que nos permite perceber a articulação do sítio na história da região durante o período romano¹⁰.

Para o estudo do tesouro de Mozinho 2004, interessa-nos sobretudo o período de retoma que se intensificou nas últimas décadas do século III, cronologia das moedas mais

² SOEIRO, Teresa (coord.), “Monte Mozinho. 25 anos de trabalhos arqueológicos: Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida”, *Cadernos do Museu*, Vol. 2, Penafiel, 1998, pp. 11-12.

³ MACHADO, F., *Uma cidade morta no Monte Mòsinho ou castro de Santo Estevão de Oldrões*, Imprensa da Universidade, 1920.

⁴ PINHO, J. de, “A necrópole calaico-romana do Mòsinho”, *Pena-fidelis*, II, Penafiel, 1931, pp. 5-45.

⁵ SOUSA, Elísio Ferreira de, “Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mòsinho”, *Douro Litoral*, 6 Série, Vol. 5/6, Porto, 1954, pp. 136-149.

⁶ SOUSA, Elísio Ferreira de, “As moedas encontradas na citânia do Mosinho (cidade morta) e as suas possíveis conclusões”, *Lucerna*, Vol. 4, Porto, 1965, pp. 249-269.

⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho (1974)*, Penafiel: Centro Cultural Penafidelis, 1974; idem, *Escavações no Monte Mozinho II. 1975-1976*, Penafiel: Centro Cultural Penafidelis, 1977.

⁸ SOEIRO, Teresa, “Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana”, *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª Série, Vol. 1, Penafiel, 1984, pp. 5-323; *Monte Mozinho: sítio arqueológico*, Museu Municipal de Penafiel, 1998, p. 13; “Monte Mozinho: a escavação do sector D”, *Cadernos do Museu*, Vol. 2, Penafiel, 1998, pp. 79-114; “Monte Mozinho: a recuperação do sector B”, *Portugalía*, nova série, Vol. 21/22, Porto, 2000-2001, pp. 103-136.

⁹ *CM*, pp. 121-153.

¹⁰ SOEIRO, Teresa, *Monte Mozinho: sítio arqueológico*, Museu Municipal de Penafiel, 1998.

antigas do achado que é objeto do presente trabalho. Corresponde a um definitivo abandono da coroa do castro, interior da primeira muralha, e a uma extensa edificação no seu exterior, especialmente na encosta aplanada voltada a N-NE, até à muralha exterior. Foi aqui (Sector B) que incidiram as escavações de Elísio Ferreira de Sousa, recuperadas por Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Teresa Soeiro, como citado. E foi entre estas e a muralha exterior que se abriu, em 2004, a longa vala de sondagem onde foi achado o tesouro¹¹. Pouco afastado deste, tem decorrido nos últimos anos, a escavação de um interesse *quarteirão* onde parecem ter sido desenvolvidas atividades relacionadas com o tratamento e panificação de cereais, também em época baixo imperial avançada¹².

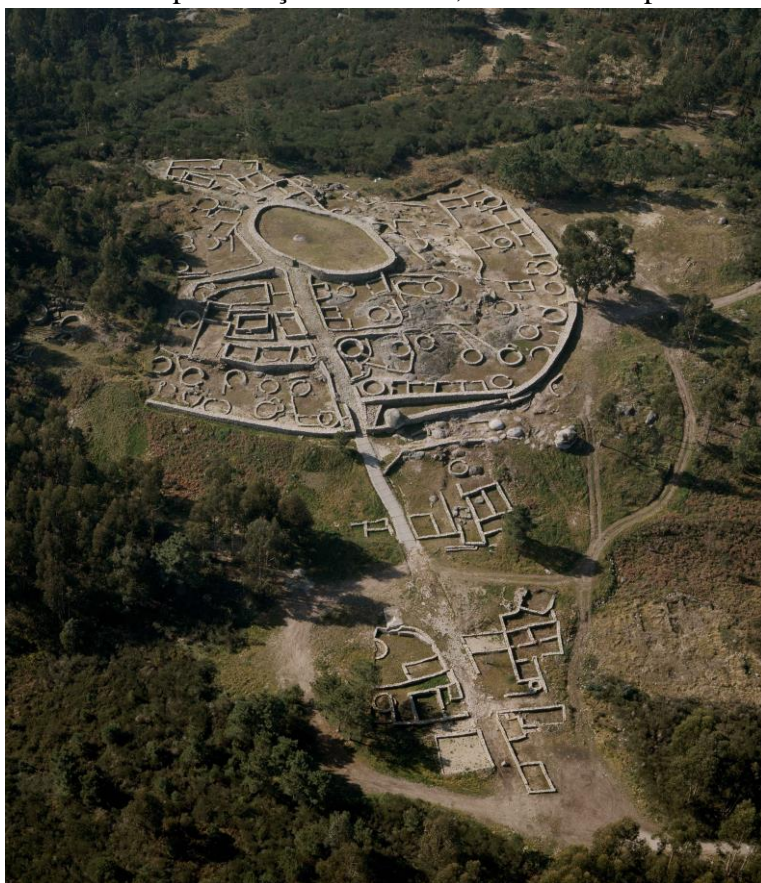


Imagem 2. Castro de Monte Mozinho, 1998. Museu Municipal de Penafiel/Fot. Penaguião & Burnay.

Com o advento do século V e a entrada dos Vândalos, Suevos e Alanos na

¹¹ *CM*, pp. 121-153.

¹² TERESO, J. P. e outros, “Crops and fodder: evidence for storage and processing activities in a functional area at the roman settlement of Monte Mozinho (northern Portugal)”, *Vegetation History and Archeobotany*. Berlin/Heidelberg, Vol. 22, 2013, pp. 479-492; VAZ, Filipe Manuel Costa, *Gestão e uso de recursos vegetais no Noroeste Peninsular: a antracologia de Monte Mozinho*, FLUP, Porto, 2012 (diss. de mestrado).

Península¹³, inicia-se um período de instabilidade social e política em todo o território hispânico, provocando um sentimento de insegurança entre as populações que, entre outras manifestações motivou o ocultamento de tesouros.

¹³ Sobre este assunto veja-se IDÁCIO, *Crónica de Idácio: descrição da invasão e conquista na Península Ibérica pelos suevos (séc. V)*, Braga: Universidade do Minho, 1982.

2. Método e estado da arte

O tesouro objeto desta dissertação foi catalogado nas instalações do Museu Municipal de Penafiel, uma vez que integra as suas coleções. A análise de todos os numismas foi realizada em duas fases: inicialmente, estudaram-se as moedas que se encontravam nas reservas; na segunda fase, as moedas que estavam na exposição permanente, juntamente com o vaso onde se guardou o tesouro.

2.1. Método

Foi criada a ficha-tipo e preenchida para cada moeda, ao mesmo tempo que lhe era atribuída uma referência individualizada no inventário do Museu – 11000-12497. Esta base de dados e o catálogo facilitaram o estudo do tesouro no seu conjunto; o inventário de cada elemento cumpre ainda o propósito de identificação presente e futura de cada peça no acervo da instituição.

Começamos por efetuar uma separação das moedas por tipo de reverso, de modo a facilitar o seu estudo e poder tirar algumas conclusões, passando-se depois a uma classificação individual, em que tivemos em consideração o tipo de metal, a sua denominação, o imperador, a descrição e a leitura das legendas do anverso, reverso e exergo, o peso, o diâmetro, a cronologia e a correspondência na obra de referência *RIC*.

No estudo aqui apresentado, que resultou desta investigação, começamos com uma breve revisão sobre os tesouros monetários, depois abordamos os estudos numismáticos realizados no castro do Monte Mozinho e fizemos o enquadramento deste na campanha de escavação que permitiu este achado.

Procedemos, de seguida, a uma análise do tesouro, com o estudo dos seguintes parâmetros: governantes representados; reversos por casa emissora; casas da moeda por períodos de emissão; imitações; fluxos de emissão por períodos cronológicos; variantes

de outras moedas. Terminamos com uma comparação deste conjunto com outro tesouro do século V, o de Chaira (Vinhais, Bragança).

Fizemos o catálogo integral do tesouro, com a correspondência entre os números de ordem e de inventário no Museu Municipal de Penafiel e a lista de pesos, após termos explicado a organização e a periodização usada.

2.2. Estado da Arte

No balanço dos estudos numismáticos em Portugal, que Rui Centeno¹⁴, desenvolveu em 1993, o autor mostrou como, até àquela data, este tipo de investigações se mostrava pouco relevante. Mais de vinte anos depois, esta visão continua a revelar-se atual, devido ao pouco investimento que estas temáticas têm merecido em Portugal, o que não acompanha a tendência europeia. Embora tenhamos um grande número de registos de achados monetários, como refere J. Pinto¹⁵, os estudos publicados são escassos. A situação piora ainda se nos restringirmos aos estudos de numismática romana baixo-imperial, época que não merece, normalmente, a preferência dos autores, seja pela dificuldade e a exigência do trabalho, seja pela falta de informação.

Até finais do século XVIII, a área da numismática antiga em Portugal atraiu poucos autores e só na segunda metade do século XIX aparecem obras de referência, como as obras de Lopes Fernandes (1856) e de Teixeira de Aragão (1870-1880), refletindo os avanços internacionais. É também nessa conjuntura que a Numismática adquire um novo estatuto, sendo editados trabalhos importantes e estudadas coleções, tanto privadas como públicas. Em simultâneo ocorreu a fundação de associações e revistas de numismática¹⁶.

Do início do século XX, temos os trabalhos de Leite de Vasconcellos e A. Lamas e, em meados do século, a publicação da revista *Nvmmvs* e respetivos anexos

¹⁴ CENTENO, Rui M. S., “A numismática antiga: um balanço da investigação em Portugal” *Acta Numismàtica* 21, 22 e 23, Societat Catalana d’ Estudis Numismàtics, Barcelona, 1993, pp. 63-75.

¹⁵ *TMTC*, p. 7.

¹⁶ CENTENO, Rui M. S., “A numismática antiga: um balanço da investigação em Portugal” *Acta Numismàtica* 21, 22 e 23, Societat Catalana d’ Estudis Numismàtics, Barcelona, 1993, pp. 63-64.

monográficos, de iniciativa da Sociedade Portuguesa de Numismática. Do começo da década de 60 temos o trabalho de Mário Hipólito (1960-1961), acerca dos tesouros de moedas romanas, que se revela uma referência ainda hoje¹⁷. Em 1974, é publicada uma obra marcante, da autoria de Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost e Jean Hiernard, o volume III das *Fouilles de Conimbriga*, contendo o levantamento extensivo e criterioso das moedas de Conimbriga.

Mais tarde, na década de 80, lembramos o estudo de Rui Centeno (1981-1982) acerca da circulação dos *Divo Claudio*, feito a partir de um tesouro encontrado em Amarante¹⁸. Temos também a dissertação de doutoramento do mesmo autor (1987), sendo esta a primeira tentativa no estudo da circulação de moeda e dos entesouramentos em todo o noroeste peninsular até ao fim do século II¹⁹, sendo que Isabel Vila Franco fará uma atualização deste estudo em 2012, em que introduz novos dados²⁰.

Posteriormente, na década de 90 começa uma série de trabalhos de numismática, desenvolvidos sob a orientação de Rui Centeno, no âmbito do Mestrado e do Doutoramento em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, como o de José Ruivo (1995), acerca da circulação monetária na Estremadura portuguesa até ao século III, o de Marcelo Mendes Pinto (1996), um levantamento de tesouros monetários baixo-imperais entre o Douro, Ave e o Tâmega e o de Maria Benedita Barbosa (1998), sobre achados de moedas romanas em Portugal, desde a República até ao reinado de Augusto, o de João Paulo Barbosa (2004), sobre um tesouro tardo-romano de Chaira (Vinhais, Bragança) e o de José Ruivo (2008-2013), que estuda dois tesouros do fim do século III.

Mais recentemente, temos o estudo de Rui Centeno (2008) sobre os achados das moedas encontradas no decurso de diversas escavações arqueológicas no castro de Fiães

¹⁷ HIPÓLITO, Mário, “Dos tesouros de moedas romanas em Portugal”, *Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-1961, pp. 1-166.

¹⁸ CENTENO, Rui M. S., “A circulação dos DIVO CLÁUDIO na Península Ibérica: notas sobre um tesouro do concelho de Amarante”, *Portugalia*, Vol. 2-3, 1981-1982, pp. 121-129.

¹⁹ *Ibidem*, p. 70.

²⁰ VILA FRANCO, Isabel, *La monetización del Noroeste de la Península Ibérica a través de la red viária terrestre en época romana*, Universidade de Santiago de Compostela, 2012.

(Santa Maria da Feira), que toma o seu primeiro trabalho, publicado em 1975²¹.

No que toca aos estudos numismáticos realizados sobre tesouros monetários ou moedas avulsas encontradas no castro do Monte Mozinho veja-se o subcapítulo abaixo.

Em síntese, podemos dizer que, como Mário Hipólito referiu já em 1971²², hoje em dia há ainda muito a fazer no domínio do estudo da numismática antiga em Portugal. Começando pela necessidade de gabinetes bem equipados, passando por incentivos estatais para o estudo desta área, urge um levantamento rigoroso do número de tesouros, achados de moedas e coleções ainda por estudar, que podem depois ser inseridos numa base de dados a nível nacional, em sinergia com as internacionais, como sugerido por Rui Centeno²³.

²¹ CENTENO, Rui M. S., *Moedas romanas de Fiães* (Relatório de Seminário de Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Porto, 1975.

²² HIPÓLITO, Mário, “A necessidade de um centro universitário de estudos de numismática”, *Nymmvvs*, 1973, pp. 39-51.

²³ CENTENO, Rui M. S., “A numismática antiga: um balanço da investigação em Portugal” *Acta Numismàtica* 21, 22 e 23, Societat Catalana d’ Estudis Numismàtics, Barcelona, 1993, pp. 71-72.

3. Enquadramento do tesouro

3.1. Tesouros monetários

Tesouro é a designação normalmente usada para definir um conjunto de moedas que poderia constituir as poupanças, por exemplo, de uma família ao longo de um dado período, retirando assim essa quantidade de moeda da circulação, sendo que tais numismas, por algum motivo, não foram recuperados. Estes conjuntos monetários são comuns na época romana, estando bem documentados muitos destes achados²⁴, tanto em resultado de trabalhos agrícolas e outras atividades, como em contexto de escavação arqueológica, sendo, no entanto, mais comuns as ocorrências fortuitas.

Consoante as causas que levam à formação e ocultação de um tesouro, a sua tipologia é diversa, sendo os conjuntos monetários mais comuns os seguintes: “tesouros de urgência” (constituídos em resultado de épocas conturbadas, como guerras, invasões ou instabilidade política), que podem refletir a circulação de moeda naquele momento numa dada região, pois resultam de uma necessidade urgente dos seus proprietários ameaharem rapidamente toda a moeda disponível e ocultarem o tesouro num lugar seguro, esperando um dia recuperar os seus pertences; menos frequente são os designado por “tesouro de poupança”, em que se incluem os conjuntos monetários constituídos de forma lenta e seletiva, compostos por moeda de maior valor ou melhor qualidade, representando a fortuna premeditadamente acumulada, pouco refletindo, portanto, a circulação monetária no momento do seu ocultamento. Estes tesouros são os que mais podem variar, dependendo do gosto do seu proprietário, do dinheiro que consegue ameahar e do seu grupo social²⁵.

Como o objetivo final dos proprietários destes tesouros seria reavê-los posteriormente, todos os que têm vindo a ser encontrados testemunham o insucesso dos

²⁴ Sobre este assunto veja-se *TMEDAT*.

²⁵ *TMEDAT*, pp. 179-180 e *TMTC*, pp. 93-94.

seus aforradores originais na recuperação, que poderá resultar, entre outras razões, da morte do próprio ou do esquecimento do local escolhido para o esconder. Os tesouros não recuperados devem representar, no entanto, uma minoria, já que a maior parte deles teria sido encontrada²⁶.

A importância do seu estudo prende-se com a recolha de informação sobre aspetos da circulação monetária contemporânea do ocultamento, como ordenação cronológica, volumes e longevidade das emissões. No caso dos “tesouros de urgência”, temos dados acerca da massa monetária que circularia na época, a sua proporção e os tipos monetários, sendo a qualidade dos numismas, normalmente, inferior em comparação com os “tesouros de poupança”, os quais são um reflexo do enunciado na Lei de Gresham²⁷: a má moeda retira a boa de circulação. A melhor qualidade da moeda presente nos “tesouros de poupança”, que poderá refletir uma preocupação dos aforradores em relação às frequentes desvalorizações, provocaria uma retirada de circulação de uma parte da boa moeda que, muitas das vezes, também era recolhida pelas entidades oficiais²⁸.

Quanto aos lugares para o ocultamento, no caso dos “tesouros de poupança”, seriam, normalmente, escondidos em contexto doméstico²⁹. No caso dos “tesouros de urgência”, procuravam-se lugares próximos dos povoados, de preferência junto a uma marca geográfica ou outro ponto de referência, de modo a facilitar a sua recuperação em ocasião mais calma³⁰. O modo mais usual para o ocultamento dos tesouros foi o enterramento, mas existiam outros processos, como a sua deposição no miolo de uma parede da casa ou de uma muralha³¹. O tesouro aqui estudado, foi encontrado no interior de uma casa, junto ao cunhal da mesma, estando ligado a um nível de derrube e incêndio, sugerindo que estaria escondido algures junto do telhado da habitação.³²

²⁶ *TMEDAT*, p. 179.

²⁷ BRUUN, P. “Site finds and hoarding behavior”, *Scripta Numaria Romana. Essays presented to Humphrey Sutherland.*, London, 1978, p. 114.

²⁸ *TMEDAT*, p. 180 e *TMTC*, p. 93.

²⁹ CENTENO, R., *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, *Anexos Nymmvs*, nº 1, Porto, 1987, p. 176.

³⁰ ROBERTSON, A., “Romano-British coin hoards: their numismatic, archeological and historical significance”, in CASEY, J., REECE, R. (eds.), *Coins and the Archeologist*, BAR 4, Oxford, 1974, p. 14.

³¹ CENTENO, R., *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, *Anexos Nymmvs*, nº 1, Porto, 1987, p. 176.

³² *CM*, p. 137.

Para guardar os seus tesouros, os homens recorriam também, muitas vezes, a cofres. Segundo Cícero³³, era comum o uso de cofres de madeira (*armarium*) nas casas romanas, podendo ser feitos ou não, em materiais perecíveis. Obviamente, os contentores que chegam até nós são maioritariamente os compostos de materiais de maior resiliência, como cerâmica, metal, vidro ou pedra. Entre estas possibilidades, os recipientes mais usados são os fabricados de cerâmica comum de cozinha, como cântaros, jarros e potes, com preferência pelos de colo estreito, evitando a saída de moedas³⁴, mas também se usariam copos, bilhas, *dolia* e ânforas³⁵.

O tesouro em estudo foi encontrado “dentro de um pequeno pote de fabrico indígena”³⁶. Este pote, bastante fragmentado, é de produção local. Feito à roda, apresenta a superfície exterior alisada, com alguma mica, e uma pasta arenosa e bege acastanhada, tendo zonas mais escuras devido ao contato com o fogo, o que torna a coloração pouco uniforme. O interior do pote apresenta-se mais escuro e sem qualquer tipo de aderência de corrosão provocada pela presença das moedas, como sucedia, por exemplo, no caso da panela, em que se guardou o Tesouro do Bairro (Galegos), também tardio e bem próximo a Mozinho.



Imagem 3. Pote cerâmico que continha o tesouro.

(Foto e desenho cedidos pelo Museu Municipal de Penafiel)

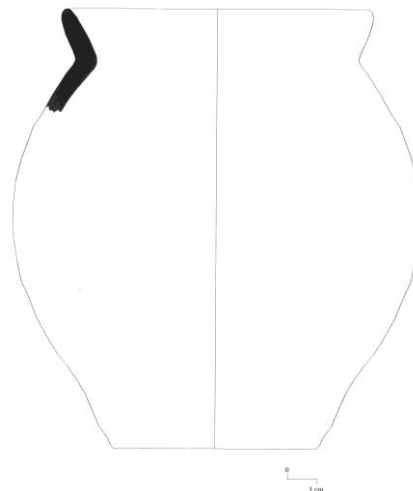


Imagem 4. Desenho do pote.

³³ CICERO, *Pro Cluentio* (c. 179), Trad. <http://perseus.uchicago.edu/perseus/cgi/citequery3.pl?dbname=PerseusLatinTexts&getid=1&query=Cic.%20Clu.%20179>.

³⁴ ROBERTSON, A., “Romano-British coin hoards: their numismatic, archeological and historical significance”, in CASEY, J., REECE, R. (eds.), *Coins and the Archeologist*, BAR 4, Oxford, 1974, p. 23.

³⁵ *TMEDAT*, pp. 184-185 e *TMTC*, pp. 94-95.

³⁶ *CM*, p. 137.

Grande parte destes tesouros foram dispersos após o seu achamento, sendo normalmente vendidos a peso pelos ocasionais descobridores, como teria acontecido com um tesouro encontrado por um lavrador no Mozinho, em 1918: “... dólíio quase cheio de moedas. Estas pesavam alguns quilos que foram vendidas a um sucateiro da Rua de D. João IV, no Porto”³⁷; para outros a falta de informação por diversas razões. Casos há em que até foram furtados do local onde estavam *oficialmente* depositados à guarda, como aconteceu com um tesouro achado em Alijó³⁸.

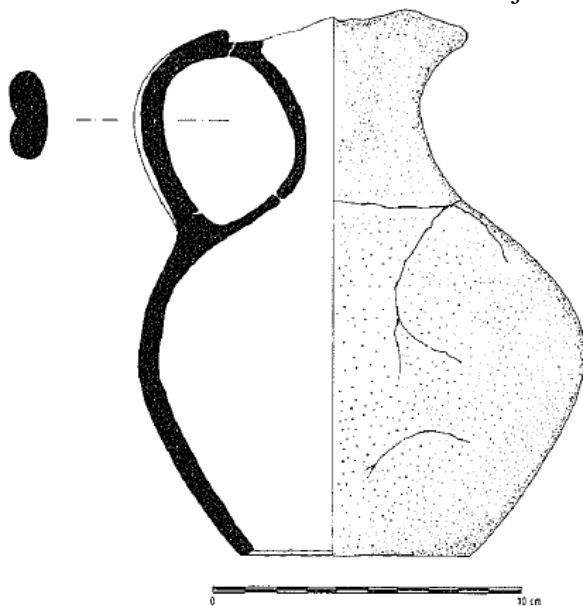


Imagem 5. Recipiente que continha o tesouro do Mozinho, estudado em 1984-5 por Sérgio Lira. Fonte: LIRA, Sérgio, “Um tesouro monetário romano do Monte Mozinho”, *Nvmmvs*, 2ª S., VII/VIII, Porto, S.P.N., 1984-1985, p. 64.

Quanto à quantidade de moedas que compõem um tesouro, esta varia bastante. Se, até ao século II, os tesouros podem andar pela centena de exemplares³⁹, no século IV e V, pesam alguns quilos (o tesouro aqui estudado pesa 3,79 kg), podendo, no entanto, chegar às dezenas ou centenas de quilos, como consequência da insegurança que se sentiria à época, recolhendo-se neles toda a moeda que fosse possível reunir.

Tal como a quantidade da moeda, a qualidade também varia, seja consoante o grupo social do entesourador, as suas necessidades ou de acordo com a região onde se faz o

³⁷ SOUSA, Elísio Ferreira de, “As moedas encontradas na citânia do Mosinho (cidade morta) e as suas possíveis conclusões”, *Lucerna*, Vol. 4, Porto, 1965, pp. 249-269.

³⁸ Sobre este assunto veja-se CENTENO, Rui M. S., “Sobre o furto e o comércio de património numismático. O caso do tesouro de denários do Monte da Nossa Senhora da Piedade, em Alijó (CMNH I.52)”. *Nvmmvs*, 2ª S., XXXI/XXXVI, Porto, S.P.N., 2008-2013.

³⁹ CENTENO, R., *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, Anexos *Nvmmvs*, nº 1, Porto, 1987, p. 177.

entesouramento. Enquanto um indivíduo com posses pode escolher a moeda que pretende guardar, um com menos dinheiro utilizaria toda a que tinha à sua disposição, de circulação corrente. Também se deve ter em consideração que, no caso de o tesouro ser formado em áreas rurais, a probabilidade de incluir metais preciosos reduz substancialmente durante os séculos IV e V, dominados pelas moedas em bronze; por outro lado, nas áreas urbanas, devido à necessidades de pagamentos do exército ou obras públicas, os metais preciosos circulariam em maior quantidade⁴⁰.

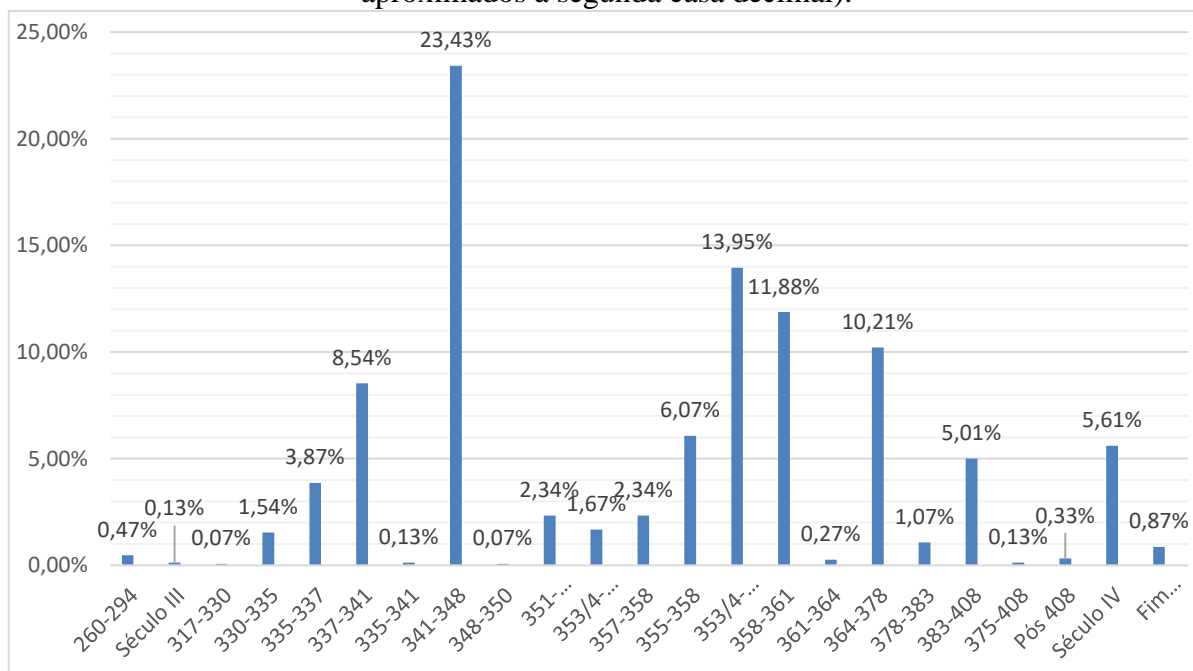
Outro aspeto importante é a inclusão de moeda “falsa” ou de imitações nos tesouros. Desde o fim do século III, em regiões onde se verificava escassez de moeda para as necessidades quotidianas, surge o fenómeno do fabrico de grande quantidade de moeda de imitação, por iniciativa local, como será o caso dos *minimi* radiados e diademados⁴¹. Este fenómeno irá reaparecer no século V, em certas zonas, devido à falta de capacidade de abastecimento de moeda numa altura já agitada da história do Império, sendo esta moeda não oficial, por vezes, tolerada pelas autoridades monetárias⁴². Isto leva a que, em muitos entesouramentos, apareçam reunidas moedas oficiais e moedas “falsas” ou imitações, como o n° 6 do catálogo, um *minimi* radiado. No entanto, essa percentagem é sempre mais baixa em comparação com a moeda legal, pois os entesouradores iriam sempre preferir a moeda oficial, de melhor qualidade.

⁴⁰ *TMEDAT*, pp. 180-181 e *TMTC*, p. 96.

⁴¹ SUTHERLAND, C. H. V., “Minimi, radiate and diademed: their place in roman and post-roman currencies”, *Transactions of the International Numismatic Congress (London 1936)*, London, 1938, pp. 252-261.

⁴² *TMEDAT*, p. 181.

Gráfico 1. Distribuição percentual do tesouro por períodos cronológicos (valores aproximados à segunda casa decimal).



3.2. Estudos numismáticos sobre Monte Mozinho

Os estudos numismáticos de material proveniente do castro do Monte Mozinho começaram em 1928, com Rui de Serpa Pinto⁴³, que publicou quatro denários, sendo depois a cronologia dos mesmos atualizada por Rui Centeno⁴⁴.

Em 1960-1961, temos um segundo estudo realizado por Mário Hipólito onde se registam dois tesouros – aparecidos neste castro⁴⁵. Já Elísio Ferreira de Sousa apresentou no III Colóquio Portuense de Arqueologia, em 1964, quatro tesouros baixo imperiais achados durante os seus trabalhos em Monte Mozinho, comunicação publicada na revista

⁴³ PINTO, Rui de S., “Quatro denários”, *Pôrto Académico*, Ano VI, nº 3, IV série, Porto, 12 de fevereiro de 1928, p. 4.

⁴⁴ CENTENO, Rui M. S., “Quatro «denarii» de Monte Mozinho (Penafiel)”, *Boletim Cultural do Ginásio Clube Vilacondense*, nº 3, Porto, 1978, pp. 55-59.

⁴⁵ HIPÓLITO, Mário, “Dos tesouros de moedas romanas em Portugal”, *Conimbriga*, II-III, 1960-1961, pp. 46-47.

*Lucerna*⁴⁶. Ambos os trabalhos estão, no entanto, desorganizados, o que dificulta a compreensão e reconstituição desses tesouros.

Dez anos passados, em 1974, Isabel Pereira⁴⁷ faz o reestudo dos mesmos tesouros, ensaiando uma interpretação e reorganização que publica, acrescentando ainda outros achados dispersos.

Fruto das escavações arqueológicas retomadas em 1974, os achados numismáticos de Mozinho foram-se ampliando e diversificando, como se pode verificar nas sucessivas publicações que as noticiam, tendo por base a classificação de numismas feita por Rui Centeno, informação que, para exemplares até ao século II, inseriu na sua tese de doutoramento⁴⁸. Do mesmo autor, foi incluído, na publicação de 1977, um anexo com o estudo das moedas das escavações de 1975-1976⁴⁹. Destacamos deste último trabalho a referência a tesouros do baixo império ocultados por baixo das lajes do principal arruamento do povoado, numa área no interior da primeira muralha, que nesta época já estaria abandonada, mas ficava contígua à renovada para habitação, local dos achamentos feitos por Elísio Ferreira de Sousa.

Por fim, em 1984-1985, temos um estudo publicado por Sérgio Lira⁵⁰, com o objetivo de reconstituir um dos tesouros noticiados por Elísio Ferreira de Sousa, tendo por base um lote de moeda inéditas na posse de um seu colaborador e outras já anteriormente por ele publicadas, como atrás referido. Apresenta-se, pela primeira vez, o recipiente que continha o tesouro.

⁴⁶ SOUSA, Elísio Ferreira de, “As moedas encontradas na citânia do Mosinho (cidade morta) e as suas possíveis conclusões”, *Lucerna*, Vol. 4, Porto, 1965, pp. 249-269.

⁴⁷ PEREIRA, Isabel, “Achados monetários de Monte Mozinho, Penafiel”, *Conimbriga*, Vol. XIII, Coimbra, 1974.

⁴⁸ CENTENO, Rui M. S., *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, Anexos *Nvmmvs*, nº 1, Porto, 1987.

⁴⁹ CENTENO, Rui M. S., “Moedas”, in ALMEIDA, Carlos A. F., *Escavações no Monte Mozinho II, 1975-1976*, Centro Cultural Penafidelis, Penafiel, 1977, pp. 39-46.

⁵⁰ LIRA, Sérgio, “Um tesouro monetário romano do Monte Mozinho”, *Nvmmvs*, 2ª S., VII/VIII, Porto, S.P.N., 1984-1985, pp. 59-82.

3.3. O achado do tesouro

O conjunto monetário foi descoberto na sequência da campanha de escavação de 2004, sob direção de Teresa Pires de Carvalho e Francisco Queiroga⁵¹. O procedimento delineado foi um pouco diferente do habitual numa escavação arqueológica, uma vez que, nesta campanha, os arqueólogos optaram por abrir uma vala entre a área escavada por Elísio Ferreira de Sousa e a muralha exterior, sendo apenas interrompida numa zona por colidir com um caminho de acesso à área superior do povoado.

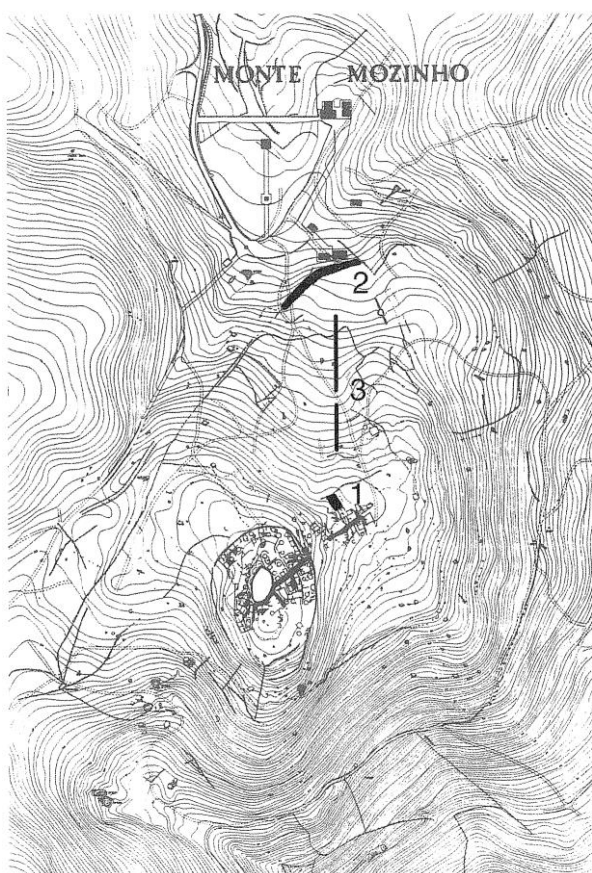


Imagem 6. Planta da vala, indicada com o número 3. Fonte: CARVALHO, T., QUEIROGA, F., “O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos”, *Cadernos do Museu*, nº 11, Penafiel, 2005, p. 141.

Esta vala, com 150 metros de comprimento e 1 metro de largura, foi estabelecida com o intuito de perceber radialmente todo o sítio e estabelecer uma relação histórica e de ocupação entre as áreas escavadas na parte superior do monte e a muralha exterior. A

⁵¹ Através da empresa Perennia Monumenta, que executaram os trabalhos.

escavação foi orientada de Norte para Sul, ou seja, da muralha exterior, zona do sopé do monte e periférica, para o centro, plataforma alta e central do monte, explorada entre 1943 e 1954⁵². Assim, terá sido possível correlacionar estratigraficamente as duas áreas, e perceber a dinâmica da sua ocupação e progressivo abandono.



Imagem 7. Relação do tesouro com o cunhal da casa. Fonte: CARVALHO, T., QUEIROGA, F., “O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos”, *Cadernos do Museu*, nº 11, Penafiel, 2005, p. 152.

Esta opção pela vala surge como uma sondagem experimental ajustada à enorme extensão do povoado, à limitação de recursos disponíveis e à necessidade de planeamento. No imediato, esta escolha teve implicações, pois limitou as possibilidades de análise das estruturas encontradas, bem como da sequência estratigráfica⁵³.

Descoberto aos 95 metros da vala, o tesouro foi encontrado num cunhal de uma casa quadrangular, num nível estratigráfico associado a um incêndio e derrube, o que parece indiciar que estaria escondido algures junto do telhado⁵⁴. Apesar de nos *Cadernos do Museu* ser indicada a presença de espólio na mesma unidade estratigráfica, após verificação dos materiais depositados nas reservas do Museu Municipal de Penafiel e atendendo a algumas informações prestadas pela Dra. Teresa Pires de Carvalho, responsável pelos trabalhos arqueológicos, verificámos que se terá tratado de um lapso, não havendo quaisquer materiais associados especificamente à unidade em que apareceu o tesouro.

Ao contrário da grande maioria dos tesouros de moedas, que não são encontrados em contexto de escavações arqueológicas, desconhecendo-se assim o contexto

⁵² *CM*, pp. 135-137.

⁵³ *CM*, p. 135.

⁵⁴ *CM*, p. 137.

arqueológico em que estavam inseridos, este conjunto monetário do Mozinho é um dos escassos casos em que é possível correlacionar a informação fornecida pela Numismática com a da Arqueologia, de modo a perceber melhor os espaços, em particular, e os sítios em geral, atribuindo-lhes cronologias. No caso do Monte Mozinho, tem-se sempre apontado para um abandono no início do século V, mas havia lacunas no que toca a dados cronológicos mais consistentes. Este estudo permite atestar a ocupação do castro e, especialmente, de uma zona mais baixa do povoado, no sopé do monte, até uma fase bem mais tardia do que se sabia, entrando bem no século V, sempre posterior a 423-425.

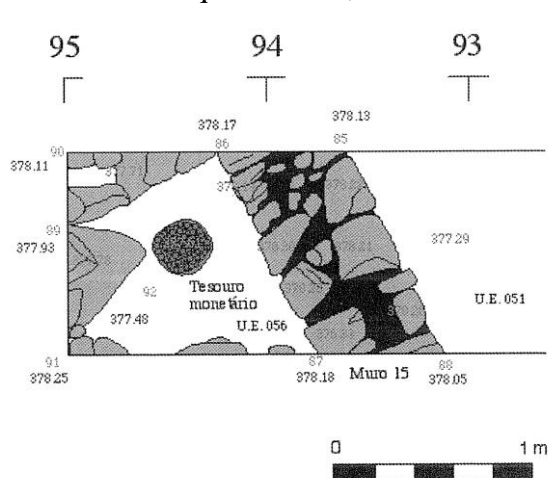


Imagem 8. Tesouro no seu contexto de achado. Fonte: CARVALHO, T., QUEIROGA, F., “O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos”, *Cadernos do Museu*, nº 11, Penafiel, 2005, p. 152.

Ao contrário da grande maioria dos tesouros de moedas, que não são encontrados em contexto de escavações arqueológicas, desconhecendo-se assim o contexto arqueológico em que estavam inseridos, este conjunto monetário do Mozinho é um dos escassos casos em que é possível correlacionar a informação fornecida pela Numismática com a da Arqueologia, de modo a perceber melhor os espaços, em particular, e os sítios em geral, atribuindo-lhes cronologias. No caso do Monte Mozinho, tem-se sempre apontado para um abandono no início do século V, mas havia lacunas no que toca a dados cronológicos mais consistentes. Este estudo permite atestar a ocupação do castro e, especialmente, de uma zona mais baixa do povoado, no sopé do monte, até uma fase bem mais tardia do que se sabia, entrando bem no século V, sempre posterior a 423-425.

4. Análise do tesouro

Foram estudadas todas as moedas que compõe o tesouro num total de 1498 numismas. Recorremos aos tradicionais quadros de distribuição das moedas emitidas por governante, casas da moeda e por reversos, numa análise quantitativa e percentual. Além destes, foi feita uma análise da distribuição das moedas por períodos de emissão, com curvas de fluxos de emissão, obtidas a partir de uma fórmula em per milagem, que relaciona o volume de moedas entesouradas por período, com a duração do mesmo e com o total das moedas do tesouro⁵⁵:

$$\frac{\text{Moedas por período}}{\text{Duração do período}} \quad \times \quad \frac{1000}{\text{Total de ex. do tesouro}}$$

Esta fórmula torna-se mais fiável do que os habituais cálculos “moedas/ano” ou “moedas/reinado” e permite uma comparação de diferentes tesouros. Na grande maioria dos trabalhos consultados, são usados valores percentuais, aproximados à segunda casa decimal, para uma maior uniformidade. Na elaboração de todos os quadros e gráficos, respeitou-se a organização por períodos adotada neste trabalho e referida mais abaixo.

4.1. Governantes representados no tesouro

Os exemplares mais antigos deste tesouro são 9 *antoniniani* do século III, sendo 1 emitido por Carausius, com o reverso HILARITAS AVG, 1 por Victorinus, com o

⁵⁵ Fórmula desenvolvida por CASEY, J., “The interpretation of Romano-British site finds”, in CASEY, J., REECE, R. (eds.), *Coins and the Archeologist*, BAR 4, Oxford, 1974, pp. 41-42 e utilizada por CENTENO, R., *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, Anexos *Nvmmvs*, nº1, Porto, 1987, p. 173, *TMEDAT*, p. 188 e *TMTC*, p. 99.

reverso SPES PVBLICA, 3 por Claudius II, 2 deles com o reverso CONSECRATIO (Águia) e 1 ilegível, 1 por Tetricus I, com o reverso ilegível, 1 moeda de imitação de DIVO CLAVDIO, com o tipo de reverso CONSECRATIO (Águia) e 2 exemplares que apresentam o imperador e reverso impossíveis de identificar. As 9 moedas mais antigas, correspondentes ao século III, representam apenas 0,6% do total das 1498 moedas estudadas. A moeda mais recente data de 423-425, trata-se de um AE4, pertencente a Theodosius II, o tipo do reverso é SALVS REIPVBLICAE e foi cunhada em Roma.

Em 306, Constantinus I é reconhecido como *Augustus* na Gália, sendo que em 312 passa a dividir o governo do Império apenas com Licinius, ficando com a parte ocidental; este período, chamado constantiniano, termina em 363, com a morte de Iulianus II⁵⁶. No que respeita à numismática, para o período que se inicia em 313, com a reforma monetária, e termina em 317, não existe qualquer moeda neste tesouro, daí a sua ausência neste estudo. Começamos, pois, no período de 317-330, que está representado por apenas 1 moeda (0,07% do total do tesouro), pertencente a Constantinus I e com o reverso VICTORIAE LAETAE PRINC PERP.

Na fase seguinte, entre 330-335, temos 23 numismas (1,54% do tesouro), sendo a maioria pertencentes à série *Constantinopolis* (8 exemplares), seguido das cunhagens em nome de Constantinus II Caesar (4 ex.) e *Vrbs Roma* (4 ex.), depois temos Constans Caesar (1 ex.), Constantinus I (1 ex.) e Delmatius Caesar (1 ex.), bem como 4 moedas com o imperador impossível de identificar.

De 335-337, existem 58 moedas (3,87% do tesouro), sendo a maioria cunhadas em nome de Constantinus I (12 ex.), depois de Constantius II Caesar (6 ex.), seguido da série *Constantinopolis* (4 ex.), Constantinus II Caesar (4 ex.), Constans Caesar (4 ex.) e Delmatius Caesar (4 ex.). A finalizar identificamos cunhagens de Constantius I Caesar (1 ex.) e 23 numismas com imperador indeterminado.

Com a morte de Constantinus I, em 337, tornam-se *Augusti* os seus três filhos que sobrevivem a Crispus. Assim, no mesmo ano, Constantinus II, Constantius II e Constans

⁵⁶ *TMEDAT*, p. 206.

sobem ao poder e dividem o Império entre si: o primeiro fica com a *Hispania*, *Gália* e *Britannia*, o segundo com a Trácia e o Oriente e o último, com a Itália, África e Balcãs⁵⁷. Desde este ano e até 341, dispomos de 128 moedas (8,54% do tesouro), com maior representação para as cunhagens de Constans (54 ex.), seguido de Constantius II (33 ex.), Constantinus II (11 ex.), Constantinus I (10 ex.). Temos ainda espécies da série *Constantinopolis* (3 ex.) e *Vrbs Roma* (2 ex.), depois emissões em nome de Helena (2 ex.) e Theodora (2 ex.) e, por fim, 11 moedas com o imperador indeterminado. Registaram-se ainda 2 moedas (0,13% do tesouro), correspondentes ao período 335-341, com o imperador indeterminado e com o reverso GLORIA EXERCITVS (1 estandarte).

O período com mais moedas representadas é o de 341-348, com 351 numismas (23,43% do tesouro), certamente devido à introdução da série VICTORIAE DD AVGGQ NN, sendo dominantes as moedas cunhadas em nome de Constans (135 ex.) e Constantius II (92 ex.), seguido das emissões de Constantinus I divinizado (10 ex.), da série *Vrbs Roma* (1 ex.). Completam este grupo 113 moedas com o imperador indefinido. Entre 348 e 350, ano da revolta de Magnentius, registamos apenas 1 numisma (0,07% do total do tesouro), em nome do imperador Constantius II e com o reverso FEL TEMP REPARATIO (Fénix).

Desde o ano da proclamação de Constantius Gallus Caesar, 351 e até 353/4, há neste tesouro 35 moedas (2,34% do total do tesouro), com maior destaque para as cunhagens de Constantius II (26 ex.), seguido de Constantius Gallus (8 ex.) e Magnentius (1 ex.).

No período seguinte, de 353/4-356, com 25 numismas (1,67% do tesouro), o numerário mais bem representado é em nome de Constantius II (19 ex.), seguido pelo de Constantius Gallus (6 ex.).

Em 357-358, período com 35 moedas (2,34% do tesouro), temos cunhagens em nome de Constantius II (27 ex.) e Iulianus II Caesar (8 ex.). Num período mais alargado, de 355 a 358, são 91 as moedas (6,07% do tesouro) e com mais presença para as emissões

⁵⁷ *TMT*, p. 100.

de Constantius II (70 ex.), seguido de Iulianus II Caesar (21 ex.). Do período seguinte, que agrega duas fases, 353/4-358, temos 209 moedas (13,95% do tesouro), sendo a maioria das cunhagens em nome de Constantius II (77 ex.), aparecendo com menor destaque Iulianus II Caesar (3 ex.) e Constantius Gallus Caesar (2 ex.) e, por fim, 127 numismas de imperador indeterminado.

Para o lapso temporal de 358-361, identificámos 178 moedas (11,88% do tesouro), onde estão representados Constantius II (58 ex.) e Iulianus II Caesar (41 ex.), para além de 79 numismas com imperador indeterminado. À fase seguinte, correspondente ao reinado de Iulianus II, 361-364, pertencem apenas 4 moedas (0,27% do tesouro) com o reverso VIRT EXERC ROMANOR.

O início da casa de Valentinianus I, em 364, até à morte de Valens, em 378, está representado no tesouro por 153 moedas (10,21% do tesouro), com maior expressão para as cunhagens em nome de Valens (35 ex.), seguindo-se as de Gratianus (8 ex.), Valentinianus I (7 ex.), uma moeda, possivelmente, de Procopius e 102 com imperador indeterminado.

Ao período compreendido entre a ascensão de Theodosius I, em 378, até à morte de Gratianus, em 383, são atribuídas 16 moedas (1,07% do tesouro), emitidas em nome de Gratianus (6 ex.), Theodosius I (4 ex.), Valentinianus II (1 ex.), Aelia Flaccilla (1 ex.) e Arcadius (1 ex.) e ainda 3 com imperador não identificado.

Para os anos compreendidos entre 383-408 foram registados 75 numismas (5,01% do tesouro), aparecendo mais bem representado o imperador Theodosius I (22 ex.), seguido por Arcadius (11 ex.), Valentinianus II (6 ex.), Honorius (4 ex.), Magnus Maximus (2 ex.) e Eugenius (1 ex.), para além de 29 moedas com imperador indeterminado. Considerando um período mais alargado, entre 375 e 408, temos mais 2 numismas (0,13% do tesouro), ambos de Theodosius I, apresentando um deles o reverso VOT/X/MVLT/XX e o outro um reverso ilegível.

Por último, temos o período pós 408, com 5 moedas (0,33% do tesouro), onde estão presentes cunhagens de Theodosius II (3 ex.), uma com o reverso SALVS

REIPUBLICAE e as restantes com o reverso CONCORDIA AVG (1)⁵⁸, Constantius III (1 ex.), com o reverso VICTORIA AVGGG (1)⁵⁹, Honorius (1 ex.), com o reverso GLORIA ROMANORVM (11)⁶⁰.

Quadro 1. Distribuição das moedas por governantes e casas da moeda.

| | Lon | Tr | Lug | Ar | R | Sis | Sir | Aq | Th | H | Con | Ni | Cyz | Ant | Ale | Imit | Oc | Or | Ile. | Total |
|--------------|-----|----|-----|-----|-----|-----|-----|----|----|----|-----|----|-----|-----|-----|------|----|----|------|-------|
| A | | | | 4 | 2 | | | | 1 | | | 1 | 1 | | | | | | 3 | 12 |
| Ae | | | | | | | | | | 1 | | | | | | | | | | 1 |
| C 1 | 1 | | 1 | 4 | 2 | | | 1 | | 1 | 4 | 1 | 6 | 4 | 1 | | | 4 | 4 | 34 |
| C 2 | | 4 | 3 | 2 | 4 | | | | 1 | | 3 | | 1 | 1 | | | | | 1 | 20 |
| C 3 | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| Car | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| Cc | | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| Cl 2 | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | | | 3 | 4 |
| Cn | | 29 | 17 | 32 | 42 | 2 | | 6 | 7 | 3 | 4 | 2 | 9 | 1 | 1 | 2 | 15 | | 23 | 195 |
| Cp | | 2 | 2 | 1 | 2 | | | | 1 | 1 | | | | 1 | | 2 | | 1 | 2 | 15 |
| Cs | | 16 | 24 | 74 | 40 | 8 | 1 | 24 | 3 | 10 | 33 | 6 | 16 | 18 | 6 | | 6 | 18 | 104 | 407 |
| D | | | | 2 | 1 | | | | | | 1 | | 1 | | | | | | | 5 |
| E | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | | | 1 |
| G | | | | 1 | 5 | | | 1 | | 1 | 2 | | 1 | | | | | 2 | 3 | 16 |
| Gr | | | 2 | 6 | | 1 | | 1 | | | | | | | 1 | | | | 3 | 14 |
| H | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | 2 |
| Hn | | 1 | | 1 | 1 | | | | | | | | | | | | 2 | | | 5 |
| J | | | 8 | 13 | 12 | 2 | 3 | 4 | 1 | 4 | 5 | 3 | 4 | 3 | 3 | | | 1 | 13 | 79 |
| M | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| Mm | | | | | | | | 2 | | | | | | | | | | | | 2 |
| P | | | | | | | | | | | | | 1 | | | | | | | 1 |
| T | | 2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | 2 |
| Te 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | 1 |
| Th 1 | | | 1 | 6 | 11 | | | 1 | | 1 | 1 | 2 | 2 | | | | | | 3 | 28 |
| Th 2 | | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | 2 | 3 |
| Ur | | 1 | | 2 | 1 | | | | | | | | | | | | | | 3 | 7 |
| V 1 | | | | | 1 | 1 | | 2 | 1 | | | | 1 | | | | | | 1 | 7 |
| V 2 | | | | | 2 | | | 3 | | | | | | | | | 2 | | | 7 |
| Vic | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | 1 |
| Vn | | 1 | 1 | | 5 | | | 2 | 1 | 1 | 2 | | 1 | 3 | 1 | | | 1 | 16 | 35 |
| Ile. | | 6 | 3 | 14 | 15 | 1 | 2 | 5 | 1 | | 1 | | 6 | 1 | 7 | 5 | 13 | 10 | 500 | 590 |
| Total | 2 | 63 | 63 | 163 | 148 | 15 | 6 | 52 | 17 | 23 | 56 | 15 | 50 | 32 | 20 | 10 | 39 | 37 | 687 | 1498 |

⁵⁸ LRBC, p. 108.

⁵⁹ LRBC, p. 109.

⁶⁰ LRBC, p. 108.

4.2. Tipos de Reversos

Os reversos mais bem representados neste tesouro são do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH), com 388 numismas, das variantes 3, 4 e Fénix, que representam 25,9% do total do tesouro, VICTORIAE DD AVGGQ NN, com 301 moedas (20,09% do tesouro), SPES REIPVBLICE com 185 (12,35%), GLORIA EXERCITVS (1 estandarte) com 145 (9,68%) e SECVRITAS REIPVBLICAE com 111 (7,41%). A soma destes cinco principais reversos é de 1130, correspondendo a 75,43% do tesouro, demonstrando que, nestes períodos do século IV, a moeda terá chegado de forma abundante à região.

Estes tipos iconográficos principais pertencem aos módulos dominantes na circulação do século IV e V, *nummi*, AE3 e AE4, havendo apenas 1 AE2 (0,07% do total de moedas e 2,86% do período) neste tesouro, com o reverso VICTORIAE DD NN AVG ET CAE(S) / VOT/V/MVLT/X, uma exceção face à desmonetização levada a cabo por Constantius II em 354⁶¹. A única moeda do tipo FEL TEMP REPARATIO (Fénix) é prova da proximidade ponderal com os outros tipos dominantes à época, tendo sido esta proximidade que a faz retirar, em larga escala, de circulação das emissões entre 348-354⁶².

Os reversos do século III presentes no tesouro pertencem aos tipos CONSECRATIO (Águia), com 3 exemplares (0,20% do total do tesouro), HILARITAS AVG e SPES PVBLICA, ambos com 1 exemplar (0,07% do tesouro). O período entre 317-330, está representado por 1 moeda (0,07% do total), com o reverso VICTORIAE LAETAE PRINC PERP, cunhada em nome de Constantinus I.

De 330 a 335, temos 22 numismas com reverso identificado, 12 da série *Vitória na proa*, 9 GLORIA EXERCITVS (2 estandartes) e 1 GLORIA EXERCITVS (1 estandarte). Enquanto que neste período dominam os 2 estandartes no reverso, em 335, com a redução ponderal do *nummus*, segue-se uma diminuição do módulo e o progressivo

⁶¹ *TMTC*, p. 103.

⁶² *Ibidem*.

desaparecimento do tipo com dois estandartes⁶³.

Quadro 2. Distribuição das moedas por tipos de reversos e casas da moeda.

| | Lon | Tr | Lug | Ar | R | Sis | Sir | Aq | Th | H | Con | Ni | Cyz | Ant | Ale | Imit | Oc | Or | Ile | Total |
|---------------------------------------|----------|-----------|-----------|------------|------------|-----------|----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|-------------|
| HILARITAS AVG | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| SPES PVBLICA | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | 1 |
| CONSECRATIO (Águia) | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | | | 2 | 3 |
| VICTORIAE LAETAE PRINC PERP | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| <i>Vitória na proa</i> | | 3 | 2 | 3 | 3 | | | | 1 | | | | | 1 | | 2 | | | 5 | 20 |
| GLORIA EXERCITVS (1 est.) | | 13 | 10 | 22 | 23 | | | 3 | 3 | 1 | 14 | 2 | 10 | 10 | | 4 | 3 | 3 | 23 | 144 |
| GLORIA EXERCITVS (2 est.) | | 1 | 1 | 3 | 2 | | | | 1 | | | | | | | | | | 2 | 10 |
| VIRTVS AVGVSTI | | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | 1 | 2 |
| SECVRITAS REIP/VB | | | | | 20 | | | | | | | | | | | | | | 1 | 21 |
| PAX PVBLICA | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | 2 |
| PIETAS ROMANA | | 2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | 2 |
| AETERNA PIETAS | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| <i>Quadriga</i> | | | | 1 | | | | | | 1 | 3 | | 1 | | | | | 2 | 1 | 9 |
| VICTORIAE DD AVGGQ NN | | 38 | 28 | 72 | 21 | 5 | | 8 | 5 | | | | | | | 1 | 25 | | 98 | 301 |
| VOT/XX/MVLT/XXX | | | | | | | | | | 3 | | 2 | 7 | 1 | 2 | | | 12 | 10 | 37 |
| VN MR | | | | | | | | | | | | | 4 | 1 | 1 | | | 2 | 1 | 9 |
| FEL TEMP REPARATIO (Fénix) | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| VICTORIAE DD NN AVG ET CAE(S) | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| FEL TEMP REPARATIO (FH3) | | 1 | 10 | 37 | 38 | 5 | 4 | 14 | 2 | 9 | 27 | 6 | 15 | 6 | 4 | 1 | 1 | 12 | 177 | 369 |
| VICTORIA CAESARIS | | | | | | 1 | | | | | | | | | | | | | | 1 |
| FEL TEMP REPARATIO (FH4) | | | | | 1 | | | | 1 | | 4 | | | 5 | 1 | | | 1 | 3 | 16 |
| FEL TEMP REPARATIO (?) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 2 | 2 |
| SPES REIPVBLICE | | | 7 | 5 | 6 | 2 | 2 | 13 | 1 | 6 | 4 | 2 | 5 | 2 | 4 | | | 2 | 124 | 186 |
| VIRT EXERC ROMANOR | | | | | 4 | | | | | | | | | | | | | | | 4 |
| SECVRITAS REIPVBLICAE | | 3 | 1 | 3 | 9 | | | 3 | | 1 | | | 2 | 3 | 8 | 1 | | | 78 | 111 |
| GLORIA ROMANORVM (8) | | | | 1 | | 1 | | 4 | 1 | | 2 | | 2 | 1 | | | | | 28 | 40 |
| GLORIA ROMANORVM (11) | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | | | 1 |
| VOT/XV/MVLT/XX | | | 1 | 3 | 1 | 1 | | 1 | | | | | | 2 | | | | | 1 | 10 |
| RESTITVTOR REIP | | | | | | | | | 1 | | | | | | | | | | | 1 |
| CONCORDIA AVGGG (Constantinopolis) | | | | 1 | | | | | | | | 1 | | | | | | | | 2 |
| CONCORDIA AVGGG (Roma) | | | | | | | | 1 | | | | | | | | | | | | 1 |
| VOT/X/MVLT/XX | | | | | | | | | | 1 | | | | | | | | | 2 | 3 |
| SALVS REIPVBLICAE (3) | | | | | | | | | | 1 | | | | | | | | | | 1 |
| VOT/V | | | | | | | | | | | | | 1 | | | | | | 1 | 2 |
| VICTORIA AVGGG (1) | | | 2 | 10 | 1 | | | | | | | | | | | | 1 | | 3 | 17 |
| VICTORIA AVGG (1) | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | | 2 |
| VICTORIA AVGGG (2) | | | | | 10 | | | 2 | | | | | | | | | 5 | | | 17 |
| SPES ROMANORVM | | | | | | | | 2 | | | | | | | | | | | 1 | 3 |
| SALVS REIPVBLICAE (2) | | | | | 5 | | | 1 | | | 1 | | 3 | | | | | 2 | 3 | 15 |
| SALVS REIPVBLICAE (1) | | | | | | | | | | | | 2 | | | | | | | | 2 |
| SALVS REIPVBLICE (?) | | | | | 1 | | | | | | | | | | | | 2 | | 13 | 16 |
| SPES REIPVBLICAE | | | | | 2 | | | | | | | | | | | | | | 1 | 3 |
| GLORIA REIPVBLICE | | | | | | | | | 1 | | | | | | | | | | | 1 |
| CONCORDIA AVG (3) | | | | | | | | | | | 1 | | | | | | | | | 1 |
| CONCORDIA AVG (1) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 2 | 2 |
| Ilegível | | | | | | | | | | | | | | | | | 1 | | 103 | 104 |
| Total | 2 | 63 | 63 | 163 | 148 | 15 | 6 | 52 | 17 | 23 | 56 | 15 | 50 | 32 | 20 | 10 | 39 | 37 | 687 | 1498 |

⁶³ *Ibidem*.

Das 144 moedas do tipo GLORIA EXERCITVS (1 estandarte), 52 exemplares (3,47% do total e 36,11% deste tipo) são cunhados antes de 337, sendo os restantes 92 exemplares (6,14 % do total e 63,89% deste tipo) cunhados entre 337-341. Entre 335 e 337, temos ainda 2 moedas do tipo *Vitória na proa*, SECVRITAS REIP/VB, VIRTVS AVGVSTI (3,45% do período) e 1 GLORIA EXERCITVS (2 estandartes) (1,72% do período). No período seguinte, entre 337 a 341, 19 numismas do tipo SECVRITAS REIP/VB (14,84% do período), 9 *Quadriga* (7,03% do período), 5 *Vitória na proa* (3,91% do período), 2 PAX PVBLICA e PIETAS ROMANA (1,56% do período) e 1 AETERNA PIETAS (0,78% do período).

Para o período de 341 a 348, com 351 moedas, é bem claro o destaque do reverso VICTORIAE DD AVGGQ NN (86,32% do total do período), já referido em cima. Os restantes tipos deste período são das séries VOT/XX/MVLT/XXX, 37 exemplares (2,6% do total do tesouro e 10,54% deste período), VN MR, 9 exemplares (0,6% do total e 2,56% do período) e, por fim, o tipo VICTORIA AVGGG (1) e *Vitória na proa*, com 1 exemplar ambos (0,07% do total e 0,28% do período).

Como já se referiu, as moedas com maior representação neste tesouro são do tipo FEL TEMP REPARATIO, dominado pela série FH3, podendo dividir-se em seis grupos: o primeiro grupo (348-350) com 1 moeda (0,07% do total do tesouro) do tipo FEL TEMP REPARATIO (Fénix); o segundo grupo (351-353/4) tem 33 numismas (94,29% do período); o terceiro grupo (353/4-356) inclui 25 exemplares; do quarto grupo (357-358), há 29 moedas (82,86% do período); um quinto grupo (355-358), com 91 numismas; por fim, no sexto grupo (353/4-358) temos 209 exemplares.

Para estes períodos de evidência do tipo FEL TEMP REPARATIO e suas variantes, temos ainda 1 moeda do período 351-353/4, (2,88% do período e 0,07 do total) do tipo VICTORIA CAESARIS. Além deste único exemplar, temos também, no período de 357-358, 6 moedas (19,35% deste período) do tipo SPES REIPVBLICE, o terceiro reverso mais presente no tesouro (185 ex.).

O período que se segue, 358-361, é constituído inteiramente pelo tipo SPES REIPVBLICE. O mesmo acontece no grupo seguinte, 361-364, constituído por 4 moedas do tipo VIRT EXERC ROMANOR (0,27% do total do tesouro).

Entre 364-378, temos 111 numismas do tipo SECVRITAS REIPVBLICAE (72,55% do período e 7,41% do tesouro), 40 do tipo GLORIA ROMANORVM (8) (26,14% do período e 2,67% do tesouro) e 1 do tipo RESTITVTOR REIP (0,65% do período e 0,07% do tesouro).

Para a fase seguinte, de 378 a 383, há 8 exemplares do tipo VOT/XV/MVLT/XX (50% do período), 2 do tipo CONCORDIA AVGGG (Constantinopolis) e VOT/X/MVLT/XX (12,5% do período) e 1 do tipo VOT/V, VICTORIA AVGGG (1), CONCORDIA AVGGG (Roma) e SALVS REIPVBLICAE (3) (6,25% do período).

Emitidas após a proclamação de Arcadius como *Augustus* em 383, e até 408, temos 69 moedas com o reverso legível, sendo a maioria do tipo VICTORIA AVGGG (2) com 17 moedas (22,67% do período e 1,13% do total do tesouro), seguido do tipo VICTORIA AVGGG (1), SALVS REIPVBLICAE (2) e (?), todos com 15 moedas (20% do período), SPES ROMANORVM e SPES REIPVBLICAE com 3 moedas (4% do período), SALVS REIPVBLICAE (1) com 2 moedas (2,67% do período), VICTORIA AVGG (1), GLORIA REIPVBLICE, CONCORDIA AVG (3) e VOT/V, com 1 moeda (1,33% do período). Existe ainda, do período entre 375 a 408, 1 numisma do tipo VOT/X/MVLT/XX.

Por último, temos os 5 numismas posteriores a 408, 2 do tipo CONCORDIA AVG (1) (40% do período), 1 do tipo VICTORIA AVGGG (1), SALVS REIPVBLICAE (?) e GLORIA ROMANORVM (11) (20% do período).

4.3. Casas da moeda por períodos de emissão

Como podemos observar no Quadro 3, a grande maioria dos numismas são

provenientes de casas da moeda ocidentais (534 exemplares, 66,25%⁶⁴), que se sobrepõem assim, às de casas da moeda orientais (272 exemplares, 33,75%). Ficam fora desta análise todas as moedas consideradas imitações, mesmo contendo marcas de oficina idênticas às emissões oficiais.

No século IV, iniciado por Diocleciano, temos um aumento das casas da moeda, de forma que a de Roma deixa de estar em destaque. No que diz respeito às casas da moeda ocidentais, predominam os exemplares da cidade de *Arelate*, com 160 moedas (19,85%), superando mesmo os centros emissores italianos, situação comum no final do Império pela perda da importância de Roma e por estas zonas do Noroeste Peninsular estarem mais ligados a circuitos terrestres onde dominava aquele numerário. De seguida, temos Roma com 150 moedas (18,61%), *Treveri* com 64 (7,94%), *Lugdunum* com 63 (7,82%), *Aquileia* com 52 (6,45%) e *Londinium* com 2 (0,25%). Temos ainda os casos atribuídos a casas de moeda ocidentais, embora com dúvidas em relação a qual em concreto, sendo estas 43 moedas (5,33%).

Nas casas da moeda orientais, o destaque é para a cidade de *Constantinopolis*, com 56 moedas (6,95%), seguido de *Cyzicus* com 50 (6,2%), *Antioquia* com 32 (3,97%), *Heraclea* com 24 (2,98%), *Alexandria* com 21 (2,61%), *Thessalonica* com 17 (2,11%), *Nicomedia* e *Siscia* com 15 (1,86%) e *Sirmium* com 6 (0,74%). Por fim, reunimos as moedas a que, embora não seja possível atribuir a cidade emissora, sabemos que se trata de uma no oriente, havendo 36 moedas (4,47%).

As moedas cuja casa da moeda se encontra indeterminada são 680 (45,39% do total do tesouro), o que pode demonstrar o mau estado de conservação de grande parte dos exergos. Temos ainda 12 imitações (0,8% do tesouro).

⁶⁴ Todas as percentagens usadas neste subcapítulo foram calculadas sobre o número de 806 moedas, pois foram retiradas do total de 1498 moedas do tesouro, 692 moedas, sendo 680 provenientes de casas da moeda indeterminadas e 12 eram imitações.

Quadro 3. Casas da moeda por períodos de emissão.

| | I | II | III | IV | V | VI | V e VI | VII | VIII | IX | X | XI | XII | X e XI | XIII | XIV | XV | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX | XXI | Total |
|--------------|----------|----------|----------|-----------|-----------|------------|--------------|------------|----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|------------|----------|------------|-----------|-----------|----------|----------|-----------|-----------|-------------|
| Lon | 1 | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 2 |
| Tr | | | | 3 | 3 | 14 | | 39 | | | 1 | | | | | | 3 | | 1 | | | | | 64 |
| Lug | | | | 2 | 2 | 9 | | 28 | | | 4 | | 6 | | 7 | | 2 | 1 | 1 | | 1 | | | 63 |
| Ar | | | | 5 | 3 | 20 | 1 | 71 | 1 | 1 | 15 | | 20 | 1 | 5 | | 3 | 4 | 10 | | | | | 160 |
| R | | | | 2 | 8 | 39 | 1 | 21 | | 3 | 5 | 35 | | 2 | | 4 | 9 | 1 | 19 | | 1 | | | 150 |
| Sis | | | | | | | | 5 | | 2 | | | 4 | | 2 | | 1 | 1 | | | | | | 15 |
| Sir | | | | | | | | | | 1 | | | 1 | 2 | 2 | | | | | | | | | 6 |
| Aq | | | | | 1 | 2 | | 8 | | 8 | | | 6 | | 13 | | 7 | 2 | 5 | | | | | 52 |
| Th | | | | 2 | | 3 | | 5 | | 2 | | | 1 | | 1 | | 2 | | 1 | | | | | 17 |
| H | | | | | 1 | 1 | | 3 | | 5 | | | 5 | | 6 | | 1 | 2 | | | | | | 24 |
| Con | | | | | 4 | 13 | | | | 9 | | | 18 | 4 | 4 | | 2 | | 2 | | | | | 56 |
| Ni | | | | | 1 | 1 | | 2 | | | | | 3 | 3 | 2 | | | 1 | 2 | | | | | 15 |
| Cyz | | | | | 3 | 8 | | 11 | | 1 | | | 9 | 5 | 5 | | 4 | 1 | 3 | | | | | 50 |
| Ant | | | | | 2 | 9 | | 4 | | | | | 5 | 6 | 2 | | 4 | | | | | | | 32 |
| Ale | | | | | | | | 3 | | | | | 4 | 1 | 4 | | 9 | | | | | | | 21 |
| Imit | 1 | | | 3 | 3 | 1 | | 1 | | | | | | 1 | | | 1 | | 1 | | | | | 12 |
| Oc | | | | | 3 | 1 | | 29 | | | | | | 1 | | | | | 8 | | 1 | | | 43 |
| Or | | | | | 3 | 2 | | 14 | | 2 | | | 8 | 3 | 2 | | | | 2 | | | | | 36 |
| Ile | 5 | 2 | | 6 | 21 | 5 | | 107 | | 1 | | | 1 | 180 | 123 | | 105 | 3 | 20 | 2 | 2 | 84 | 13 | 680 |
| Total | 7 | 2 | 1 | 23 | 58 | 128 | 2 | 351 | 1 | 35 | 25 | 35 | 91 | 209 | 178 | 4 | 153 | 16 | 75 | 2 | 5 | 84 | 13 | 1498 |

4.4. Imitações

Foram identificadas 12 imitações no tesouro do Monte Mozinho, correspondendo a 0,8% do total do tesouro e a 1,47% dos exemplares cuja casa da moeda foi possível identificar.

As fases de imitação de moeda são divididas em duas: a endémica, ou seja, uma cunhagem regular de moedas de imitação em pequenas quantidades, e as epidémicas, em que temos uma grande colocação de moedas de imitação em circulação⁶⁵. Como podemos ver no Quadro 4, não devemos falar, neste tesouro, em emissões epidémicas, pois as imitações presentes são bastante escassas.

Do século III temos 1 imitação, um *minimi*⁶⁶ radiado, cópia de um antoniniano, pertencente a Claudius II e com o reverso CONSECRATIO (Águia), representando 14,29% deste período.

Quadro 4. Imitações e emissões oficiais por períodos de emissão.

| | I | IV | V | VI | VII | X e XI | XV | XVII | Total |
|-----------|--------|--------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|-------|
| Imitações | 1 | 3 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 12 |
| Oficiais | 7 | 23 | 58 | 128 | 351 | 209 | 153 | 75 | 1004 |
| % | 14,29% | 13,04% | 5,17% | 0,78% | 0,28% | 0,48% | 0,65% | 1,33% | 1,20% |

Já no século IV, as primeiras imitações dos *nummi* são do período entre 330 e 335, havendo 3 casos, que representam, 13,04% do período, sendo duas delas pertencentes à série *Constantinopolis*, uma com o reverso *Vitória na proa*, e uma pertencente à série *Vrbs Roma*, também ela com o reverso *Vitória na proa*.

No período seguinte, de 335 a 337, temos 3 imitações, todas com imperador indeterminado e o tipo de reverso GLORIA EXERCITVS (1 estandarte), representando 5,17% deste período. No intervalo imediato, entre 337 e 341, há apenas 1 imitação, (0,78% do período), atribuída a Constans, e com o reverso GLORIA EXERCITVS (1 estandarte).

⁶⁵ BOON, G. C., “Counterfeit coins in Roman Britain”, in CASEY, J., REECE, R. (eds.), *Coins and the Archeologist*, BAR 4, Oxford, 1974, p. 95 e SIENNES HERNANDO, Milagros, *As imitações de moedas de bronze do século IV d.C. na Península Ibérica: o caso Ae2 Reparatio Reipub*, Trabalhos de Arqueologia 13, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2000, p. 91.

⁶⁶ Sobre este assunto veja-se SUTHERLAND, C. H. V., “Minimi, radiate and diademed: their place in roman and post-roman currencies”, *Transactions of the International Numismatic Congress (London 1936)*, London, 1938, pp. 252-261.

Entre 341 e 348, temos 1 imitação, pertencente a Constans e com o reverso VICTORIAE DD AVGGQ NN, que representa 0,28%. Estas imitações voltam a aparecer só no período de 353/4-358, com 1 moeda, representando 0,48%, sendo o imperador indeterminado e o reverso FEL TEMP REPARATIO (FH3).

Após novo interregno, de 364-378 voltamos a ver 1 imitação, sendo o imperador indeterminado e o reverso SECVRITAS REIPUBLICAE, moeda que representa 0,65% deste intervalo. Por fim, no período de 383 a 408, temos 1 moeda, representando 1,33%, atribuída a Honorius e com o reverso VICTORIA AVGGG (1).

4.5. Fluxos de emissão por períodos cronológicos

De forma a comparar os fluxos de abastecimento de moeda, foram realizados dois gráficos, tal como fez J. Pinto⁶⁷, um representando todos os períodos que foram definidos e o outro, em que agrupamos os períodos de 335-337 e 337-341, no de 335-341 e o de 353/4-356, 357-358 e 355-358, no de 353/4-358, facilitando assim a análise mais correta da variação do volume das moedas.

No que toca ao Gráfico 2, o máximo é atingido em 358-361, passando de 27,37% no período anterior, para 39,61%. Este aumento deve-se à introdução dos reversos do tipo SPES REIPUBLICAE. Já no Gráfico 3, com as devidas adaptações cronológicas, o destaque vai para o período de 353/4-358, chegando aos 48,06%, como resultado das emissões constantes do tipo FEL TEMP REPARATIO, principalmente o tipo FH3.

Em ambos os gráficos podemos ver um aumento do fluxo do material circulante a partir de 330-335, havendo depois uma quebra no crescimento, no caso do Gráfico 3, a partir de 348-350, com uma quase paragem no abastecimento monetário, podendo ser isto sinal da Lei 9.23.1⁶⁸, com a retirada de circulação dos AE2, tal como acontece no tesouro da Chaira⁶⁹, retomando o seu aumento em 351-353/4, com a expansão do tipo FEL TEMP

⁶⁷ *TMTC*, pp. 113-114.

⁶⁸ Código Teodosiano (*Cth* 9.23.1).

⁶⁹ *TMTC*, p. 114.

REPARATIO.

Temos uma nova queda no abastecimento monetário em 361-364, sendo registados valores muito baixos até ao fim da cronologia do tesouro, com a exceção do período de 364-378, com a reforma valentiniana.

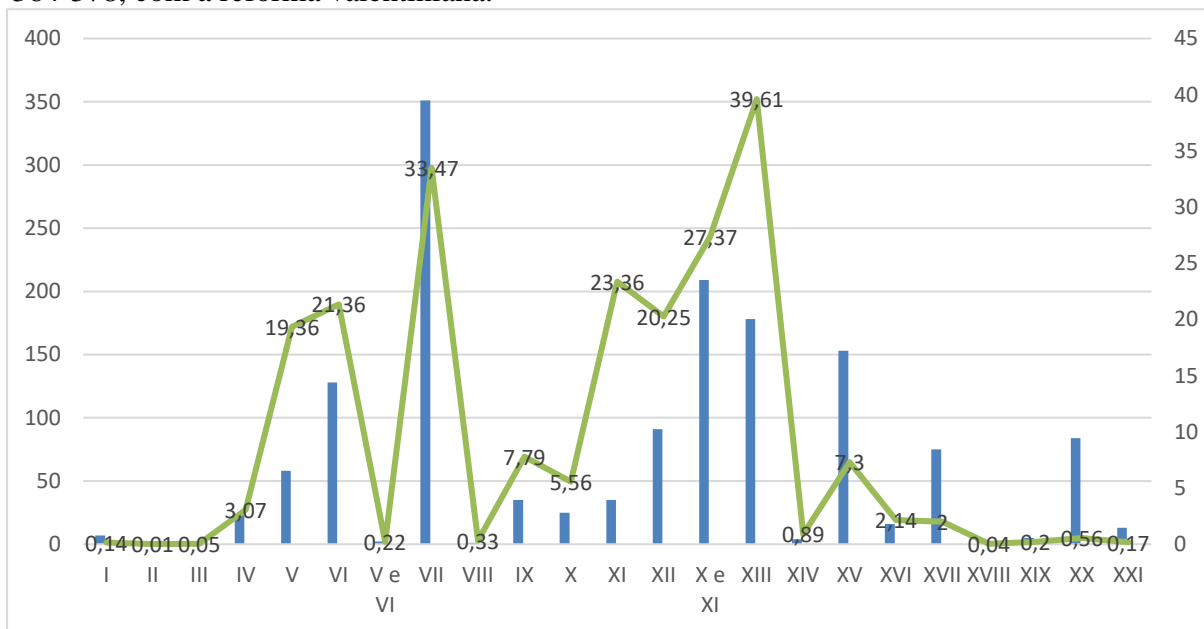


Gráfico 2. Permilagem do número de moedas em cada período e a variação dos seus fluxos.

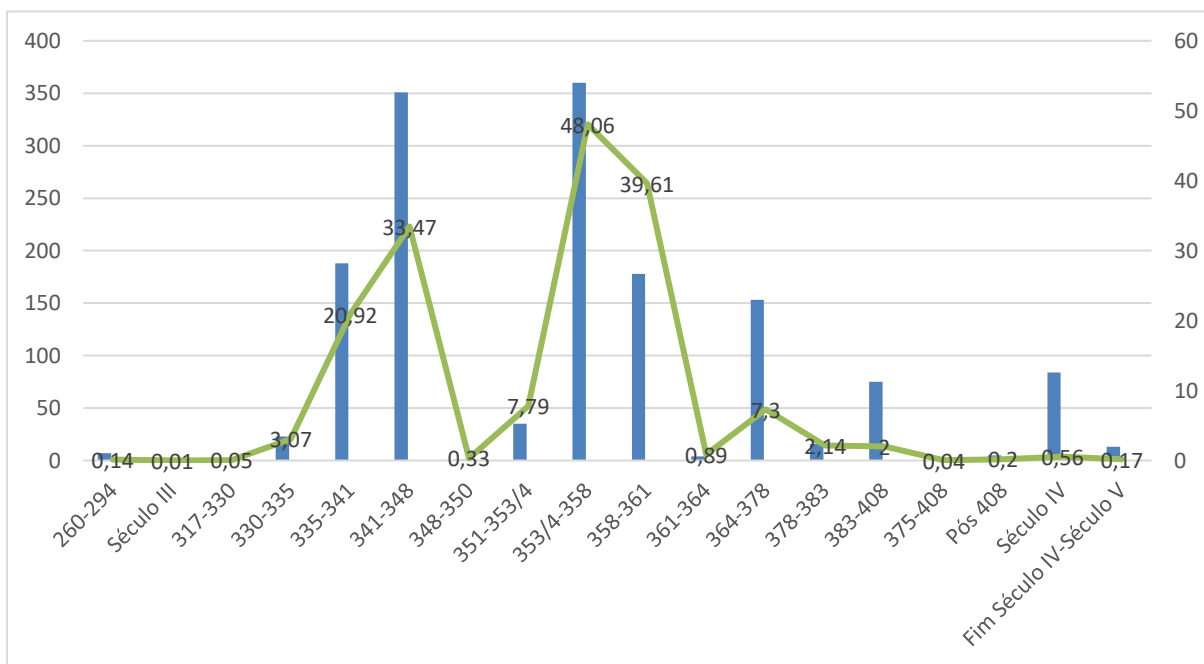


Gráfico 3. Permilagem do número de moedas por períodos corrigidos e a variação dos fluxos.

4.6. Variantes de outras moedas

No tesouro do Monte Mozinho, temos 14 variantes de moedas não registadas no *RIC*, que descrevemos em baixo:

Nº 43 – 335-337 – [FL] DELMA-TIVS NOB C B5 / GLOR-IA EXER[C-ITVS] (2 estandartes) / - - // R*S / Roma / 2,17 gr / ↓

Nº 48 – 337 – CONSTA[NTI-N]VS AVG E8 / VIRT[VS]-AVGV[STI] / - - // R♥S / Roma / 1,34 gr / ↑

Nº 133 – 337-340 – CONSTANTI-VS PF AVG D5 / GLORI-A EXER-CITVS (1 estandarte) / - - // PARL / Arelate / 1,61 gr / ↑

Nº 208 – 337-341 – CONSTAN-TIVS AVG H3 / GLOR-IA EXERC-ITVS (1 estandarte) / •• // SMANB / Antioquia / 1,62 gr / ↑

Nº 241 – 347-348 – CONS[TANS-PF AVG] D4 / VICTORIAE DD A[VGGQ NN] / M // TRP / Treveri / 1,07 gr / ↓

Nº 255 – 347-348 – [CONS]TANS-PF AVG D4 / [VIC]TORIAE DD AVG[GQ NN] / Ṁ // TRP / Treveri / 1,82 gr / ↑

Nº 256 – 347-348 – CONSTAN-S PF AVG D4 / [VI]CTORIAE DD AVGGQ N[N] / Ṁ // TRP / Treveri / 1,31 gr / ↑

Nº 257 – 347-348 – [CONS]TANS-PF AVG ? / [VICTORIAE DD AVGGQ NN] / Ṁ // [TRP] / Treveri / 1,75 gr / ↓

Nº 258 – 347-348 – [CONSTANS]-PF AVG D4 / [VICT]ORIAE DD AVGGQ N[N] / Ṁ // [T]RP / Treveri / 1,36 gr / ↓

Nº 288 – 347-348 – [CONSTANTI-VS PF AVG] D2 / [VI]CTORIAE DD AV[GGQ NN] / M // PL[G] / Lugdunum / 1,13 gr / ↓

Nº 348 – 347-348 – CONSTAN[TI-VS PF AVG] D5 / VICTO[RIAE] DD AVGGQ NN / N̄ // SARL / Arelate / 1,33 gr / ↑

N° 349 – 347-348 – [CON]STANTI-VS PF [AVG] D5 / VICTO[RIAE DD
AVGGQ NN] / ~~NE~~ // PARL / Arelate / 1,5 gr / ↓

N° 595 – 351-354 – DN CON[STAN-T]IVS [NOB C] D1 / FEL TEMP-
REPARA[TIO] / - - // [S]M[HA] / Heraclea / 1,25 gr / ↓

N° 723 – 355-358 – DN CL IVLIAN[VS NOB CAE]S D1 / [FEL TEMP R-
EPARATIO] / - - // [CONSA•] / Constantinopolis / 2,14 gr / ↓

5. Comparação com o tesouro de Chaira

Neste apartado, apresenta-se um estudo comparativo do tesouro do Monte Mozinho 2004 com o conjunto de Chaira (Vinhais, Bragança)⁷⁰. A opção por este tesouro resulta da similitude dos dois conjuntos monetários relativamente à sua estrutura e cronologia. Também remetemos para o quadro 13 da publicação do tesouro da Chaira⁷¹, onde se compara composição e a cronologia de diversos tesouros do norte de Portugal.

Constituído por 6.656 numismas, o tesouro de Chaira apresenta como ilegíveis 1505 moedas (22,61% do tesouro) e 76 imitações (1,14% do tesouro)⁷². A percentagem de imitações presentes em Chaira é muito idêntica aos valores do depósito de Monte Mozinho, onde se regista 0,8% (12 exemplares), enquanto que, no respeitante aos exemplares ilegíveis, o valor é mais baixo no Monte Mozinho, com 6,94% (104 exemplares).

A análise da distribuição dos numismas pelos períodos cronológicos definidos revela que: o período com mais numismas no tesouro de Chaira é o de 341-348 (22,87%), tal como acontece no do Monte Mozinho (23,43%); os cinco períodos mais bem representados na Chaira ascendem a 76,84% do total do tesouro⁷³, sendo que, quatro deles, também significam no Mozinho, 68,02%; à semelhança do tesouro do Mozinho, o de Chaira, integra numismas desde o século III até ao início do século V, como é habitual, aliás, em outros grandes conjuntos monetários hispânicos deste período.

No Gráfico 4, podemos observar que os períodos com maior representação de numerário são idênticos nos dois tesouros, e o mesmo no respeitante aos valores. O último período atribuído no Mozinho (fim do século IV- século V), não é usado na Chaira, daí a falta de dados.

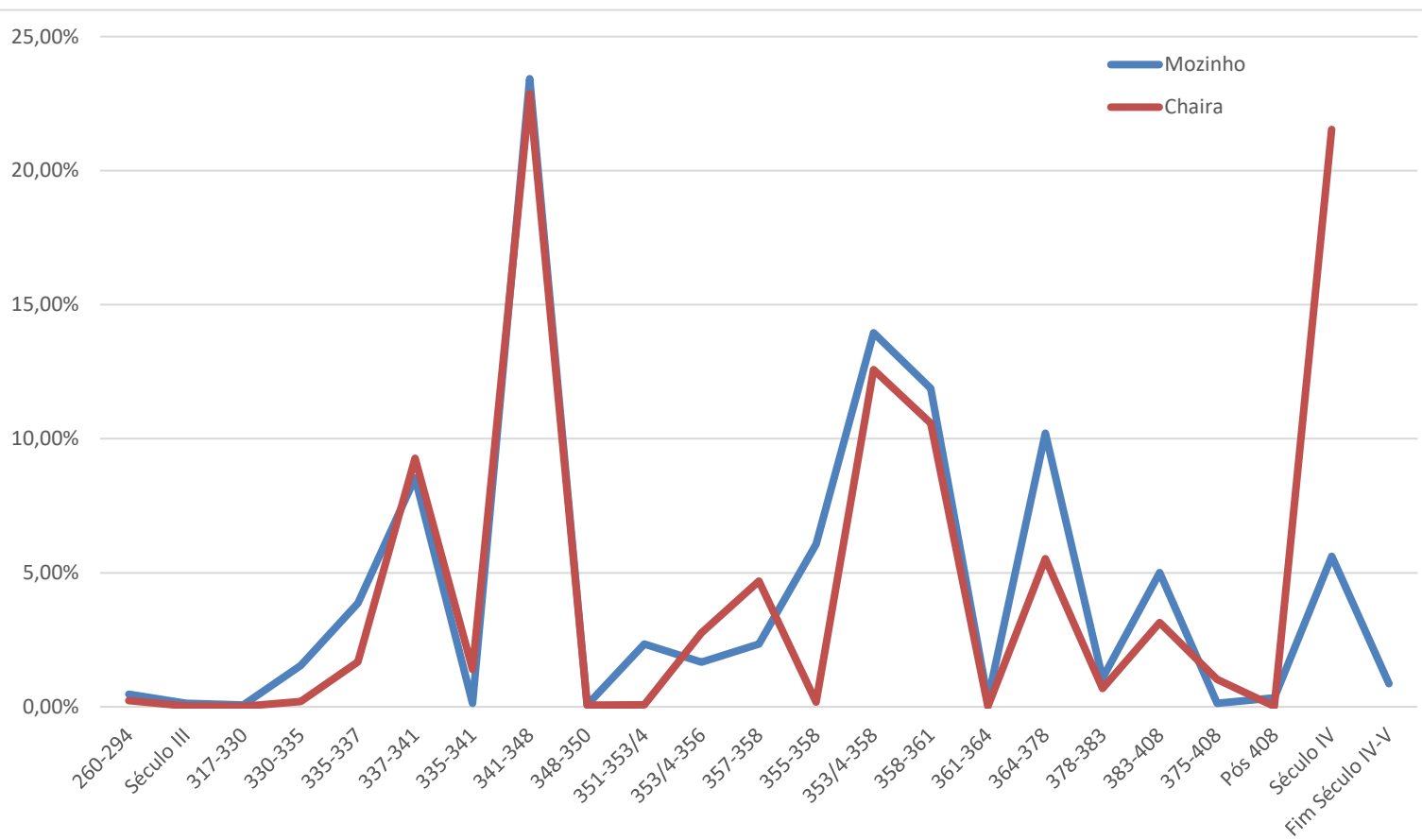
⁷⁰ *TMTC*.

⁷¹ *Ibidem*, p. 139.

⁷² *Ibidem*, p. 108.

⁷³ *Ibidem*, p. 110.

Gráfico 4. Percentagem das estruturas dos tesouros do Mozinho e de Chaira⁷⁴.



Além dos períodos de maior abundância monetária serem equivalentes, as casas da moeda com maior representação também condizem. Dominam as ocidentais nos dois tesouros, com 77,63% no caso de Chaira e 66,25% do Mozinho; depois temos as orientais, com 22,37%⁷⁵ na Chaira e 33,75% no Mozinho. Podemos verificar cerca de 9% de diferença entre os resultados das casas emissoras no Mozinho e na Chaira, podendo esta diferença resultar, talvez, de uma maior presença de emissões das casas da moeda orientais na massa monetária circulante nas áreas mais próximas do litoral, onde chegaria mais moeda com tal procedência através de algum tráfego marítimo; no caso da Chaira, por ser um local interior, o aprovisionamento de moeda estaria mais conectado a circuitos terrestres da Meseta ou da Estremadura espanhola, onde pontificava o numerário gaulês

⁷⁴ Dados retirados de *TMTC*, p. 110.

⁷⁵ Nas percentagens usadas neste parágrafo, referentes às casas das moedas, foram retiradas as moedas ilegíveis da contagem.

e italiano.

Em ambos os tesouros as casas da moeda com melhor representação são as de *Arelate* e Roma, seguido, no caso de Chaira, pelas casas da moeda de *Lugdunum* e *Treveri*⁷⁶, situação inversa no Mozinho. Nos dois tesouros surge como primeira casa da moeda oriental *Constantinopolis*.

Assim, podemos perceber que, apesar da distância entre os locais dos achados, há uma similaridade nestes tesouros, no que toca aos períodos cronológicos com maior representação numismática e mesmo às casas da moeda com maior presença.

⁷⁶ *Ibidem*.

**II PARTE - CATÁLOGO DAS MOEDAS DO TESOURO DE
MONTE MOZINHO 2004**

1. Organização do catálogo

O modelo de catálogo adotado procura juntar a maior quantidade de informação, mas sempre de forma a que seja perceptível e fácil de consultar. Daí seguirmos os modelos usados na obra *Fouilles de Conimbriga*⁷⁷ e os de J. Barbosa⁷⁸ e J. Pinto⁷⁹, que, por sua vez, utilizam a organização do catálogo de C. King⁸⁰.

Neste catálogo apresentam-se os materiais por período cronológico, começando pelas moedas mais antigas e acabando nas mais recentes. As moedas com a mesma cronologia são agrupadas por casa da moeda⁸¹, conforme a organização utilizada na bibliografia de referência, *RIC*.

Se, dentro de cada período, for possível estabelecer balizas cronológicas mais curtas, estas são indicadas em cima. Para cada casa da moeda, são utilizados dois traços horizontais (- -), que representam o lado esquerdo e o direito do campo do reverso, que são substituídos pelas marcas presentes nas moedas, caso existam, a que se segue, separado por duas barras, o espaço reservado às marcas do exergo.

De seguida, para cada numisma do tesouro, procedemos à atribuição de:

- um número de ordem (*Nº*);
- denominação (*Den*), caso se trate de um *antoninianus* (*Ant*), de um *nummus* (*N*), ou ainda de outros bronzes (*AE1*, *AE2*, *AE3* e *AE4*), consoante o módulo da moeda;
- identificação do governante (*Gov*), sendo que, optamos por indicar apenas em que

⁷⁷ *Conimbriga*.

⁷⁸ *TMTC*.

⁷⁹ *TMEDAT*.

⁸⁰ KING, C., “Coleshill, Warwickshire”, *Coin Hoards from Britain Series 9*, Londres, 1992, pp. 242-278.

⁸¹ A ordem das casas da moeda foi a usada no *RIC*, consoante o volume usado, sendo que começamos pelas casas da moeda ocidentais e, passando depois às restantes casas orientais. Depois, encontramos as moedas que são imitações, as moedas cuja casa da moeda não conseguimos identificar e separamos entre ocidental e oriental e por fim, as que têm a casa da moeda indeterminada.

momento a moeda foi cunhada, como faz J. Barbosa⁸² e J. Pinto⁸³;

- anverso (*Anverso*), com a legenda na totalidade, a sua partição, bem como a descrição do busto;
- reverso (*Reverso*), contendo a leitura íntegra e partição da legenda;
- casa da moeda, bem como a respetiva oficina;
- abreviatura da obra de referência;
- total de exemplares, tanto por período, casa da moeda e exergo.

No campo das oficinas monetárias, encontramos, também a quantidade de numismas cunhados na oficina em questão, sendo que quando o exergo, ou parte dele, se torna ilegível, usamos um (?) na coluna.

A bibliografia base para classificação das moedas é abreviada como *RIC*, fornecendo-se a indicação do volume. Além desta, é usada a obra de Guido Bruck⁸⁴, para auxiliar a identificar algumas moedas pelo seu tipo estilístico e iconográfico, principalmente no que diz respeito às representações no reverso.

Por fim, temos a tabela da correspondência entre o nº de ordem do catálogo e o nº de inventário do Museu, que inicia no 11000 e termina no 12497, sendo que, como as moedas integram o acervo do Museu Municipal de Penafiel, são precedidas da sigla (*MMPNF*). Ao lado, encontramos a tabela dos pesos, seguindo o modelo de J. Barbosa⁸⁵, que segue os critérios de C. King⁸⁶, procedendo-se, no entanto, à seguinte alteração: os números de ordem, com o seu peso correspondente, são colocados na linha em frente, sem qualquer subdivisão. Em ambas as tabelas foi respeitada a ordem do catálogo.

⁸² *TMTC*.

⁸³ *TMEDAT*.

⁸⁴ *BRUCK*, pp. 1-101.

⁸⁵ *TMTC*, pp. 81-90.

⁸⁶ KING, C., “Coleshill, Warwickshire”, *Coin Hoards from Britain Series 9*, Londres, 1992, pp. 274-278.

2. Periodização

A periodização usada no catálogo segue a utilizada nas obras de referência citadas em cima, mas sempre com adaptações, consoante a necessidade. As balizas cronológicas podem ter sido ampliadas ou reduzidas, tendo em conta sugestões colhidas da bibliografia.

Estes períodos cronológicos estabelecem-se segundo critérios políticos, como o advento de um novo imperador ou a sua morte, e económicos, por exemplo uma reforma monetária ou uma redução no peso da moeda, ou outros aspetos numismáticos⁸⁷. As moedas mais antigas datam dos reinados de Claudius II e de Victorinus, sendo por isso, o período inicial balizado entre o reinado de Galieno e a reforma monetária de Diocleciano, com a criação do *nummus*⁸⁸, procedimento sucessivamente repetido nas seguintes divisões, num total de 21 períodos cronológicos, sempre com a reserva de um apartado, no final de cada século, para as moedas ilegíveis:

- I. 260-294 Reinado de Galieno até à reforma monetária de Diocleciano e a introdução do *nummus*.
- II. Século III Moedas ilegíveis do século III.
- III. 317-330 Reforma de Licinius e redução do valor facial do *nummus* constantiniano para 12,5 denários. Em 318, *nummus* com 3,4 gr. e um teor de prata reduzido em 44%.
- IV. 330-335 Introdução dos reversos GLORIA EXERCITVS (2 estandartes), *Constantinopolis* e *Vrbs Roma*. Desvalorização do *nummus* (2, 48 gr).
- V. 335-337 *Nummus* com 1,61 gr. até à morte de Constantinus I.
- VI. 337-341 *Nummus* com 1,64 gr. Reinado de Constantinus II,

⁸⁷ Sobre este assunto veja-se *TMEDAT*, p. 26.

⁸⁸ Sobre este assunto veja-se *TMEDAT*, p. 27 e *TMTC*, pp. 16-17.

Constantius II e Constans.

- VII. 341-348 Séries VICTORIAE DD AVGGQ NN (Ocidente) e VOT/XX/MVLT/XXX (Oriente).
- VIII. 348-350 Início das séries FEL TEMP REPARATIO (Fénix e Galera), em bolhão e bronze, com 3 módulos, AE2 (grande e pequeno) e AE3 de 2,42 gr⁸⁹, até à revolta de Magnentius (350).
- IX. 351-353/4 Proclamação de Gallus, reforma monetária de Magnentius, queda de Magnentius (353), expansão do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH)⁹⁰, introdução do AE3 tipo FEL TEMP REPARATIO FH3 e FH4 e deposição e morte de Gallus (354).
- X. 353/4-356 Lei que proíbe a circulação de *maiorinae vel centenionales communes*⁹¹, proclamação de Iulianus como Caesar (Nov 355) e AE3, FEL TEMP REPARATIO (FH) sem M (2,5 gr.).
- XI. 357-358 AE3 FEL TEMP REPARATIO (FH) com M (menos de 2,5 gr.).
- XII. 355-358 Tipo FEL TEMP REPARATIO (FH3 e 4) de Iulianus Caesar.
- XIII. 358-361 AE4 do tipo SPES REIPUBLICAE (mais de 2 gr.) até à morte de Constantius II.
- XIV. 361-364 Reinado de Iulianus, reforma de 363 (AE3 com 2,9 gr.)⁹² até à morte de Jovianus.
- XV. 364-378 Reforma monetária de Valentinianus I até à morte de Valens.
- XVI. 378-383 Ascensão de Theodosius I (379), reforma monetária de

⁸⁹ RIC VIII, p. 61.

⁹⁰ O tipo FEL TEMP REPARATIO possui 4 variações, identificadas do 1 ao 4 na obra LRBC, p. 108.

⁹¹ Código Teodosiano (Cth 9.23.1).

⁹² RIC VIII, p. 46.

Gratianus, AE3 com 2,25 gr. e AE4 com 1,2 gr., reinado de Gratianus, Valentinianus II e Theodosius I até à morte de Gratianus.

- XVII. 383-408 Arcadius é proclamado *Augustus*, cunhagens de Magnus Maximus e Flavius Victor, generalização do AE4, morte de Theodosius I (395), AE4 do tipo SALVS REIPVBLICAE (388-403), até à morte de Arcadius.
- XVIII. 375-408 Ascensão de Valentinianus II, tipo *Victoria Avggg* (1) até à morte de Arcadius.
- XIX. Pós 408 Entrada dos suevos e vândalos de 409 até às perturbações suélicas de 455-468⁹³.
- XX. Século IV Numismas ilegíveis do século IV.
- XXI. Finais séc. IV/ Moedas ilegíveis de finais do século IV, inícios do século V V.

A periodização apresentada difere um pouco do usual, tendo sofrido algumas alterações, adotadas a partir da bibliografia. Tal como faz J. Pinto⁹⁴ e J. Barbosa⁹⁵, optamos por colocar um único grupo dentro do século III (260-294), compreendendo o início do reinado de Galieno e a reforma monetária de Diocleciano. No período II temos as moedas ilegíveis, correspondentes ao século III.

Não tendo numismas até 317, optamos por não incluir as divisões entre 294-313 e 313-317. O III período (317-330) é assim compreendido entre a reforma de Licinius, com a redução do peso do *nummus* para 3,4 gr e o teor de prata, cerca de 44%, e 330, sendo que até então vão ocorrer várias desvalorizações monetárias⁹⁶. Segundo Bagnall⁹⁷ e J.

⁹³ Sobre este assunto veja-se IDÁCIO, *Crónica de Idácio: descrição da invasão e conquista na Península Ibérica pelos suevos (séc. V)*, Braga: Universidade do Minho, 1982.

⁹⁴ *TMEDAT*, p. 27.

⁹⁵ *TMTC*, p. 17.

⁹⁶ *TMEDAT*, p. 28.

⁹⁷ BAGNALL, R., *Currency and inflation in fourth century Egypt*, (*Bulletin of the American Society of Papyrologist, Supplements 5*), Durham (NC), 1985, p. 33.

Pinto⁹⁸, temos, ainda em 324, uma nova redução do peso do *nummus* para 3 gr., na quantidade de prata e no valor facial, para 12,5 denários. No entanto, após a derrota de Licinius, Constantinus I assume o poder e revaloriza o *nummus* que, apesar de manter o peso, aumenta a sua composição de prata.⁹⁹

No IV período (330-335), ocorre a criação do tipo GLORIA EXERCITVS (2 estandartes), uma nova desvalorização do *nummus* e do teor de prata. Dá-se também a consagração de Constantinopolis, com a passagem para o Oriente do novo centro político, daí ser homenageada com a criação da série *Constantinopolis*. Roma, a capital original também o é, através da série *Vrbs Roma*, sendo os mesmos três tipos cunhados em todas as casas da moeda, situação que irá mudar no período de 335-337¹⁰⁰.

O período que se segue, o V (335-337), é marcado pela separação do império em três *Caesares* por Constantinus I, que o reparte pelos seus filhos, de modo a dar-lhes mais autonomia e criando assim novos centros administrativos. Constantinus II fica com o Ocidente e faz do seu centro *Treveri*, Constans com Itália, sendo o centro Roma e Constantius II com o Oriente, fazendo do centro Antioquia. Há ainda uma nova desvalorização da moeda e a redução do seu módulo, passando o tipo GLORIA EXERCITVS a ter apenas 1 estandarte. A morte de Constantinus I, marca o fim desta fase¹⁰¹.

A baliza cronológica seguinte, o VI período (337-341), fica marcada pelo reinado de Constantinus II, Constantius II e Constans bem como por uma revalorização do *nummus*. A seguir, no VII período (341-348), encontramos uma queda na produção da moeda até ao ano de 347, quando surgem os tipos VICTORIAE DD AVGGQ NN (Ocidente) e VOT/XX/MVLT/XXX (Oriente).

Os dez anos seguintes, foram o tempo de duração do tipo FEL TEMP REPARATIO, período com importância política, simbólica e numismática, sendo por isso, subdivididos em cinco fases. O primeiro, VIII período (348-350), marca o início da

⁹⁸ *TMEDAT*.

⁹⁹ Sobre este assunto veja-se *TMEDAT*, pp. 28-29.

¹⁰⁰ *TMEDAT*, p. 29 e *TMTC*, p. 20.

¹⁰¹ *Id. Ibidem*.

cunhagem FEL TEMP REPARATIO (Fénix ou Galera) em três módulos, AE2 grande e pequeno e AE3 e vai até à revolta de Magnentius. No seguinte, IX período (351-353/4), dá-se a introdução do AE3 do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH)¹⁰², e fica marcado pela proclamação, deposição e morte de Constantius Gallus, assim como pelas cunhagens e morte de Magnentius. A seguir, no X período (353/4-356), temos a proclamação de Iulianus como *Caesar*, o tipo AE3 FEL TEMP REPARATIO (FH3 e 4), sem o M no campo e a proibição de circulação de muitos AE2 grandes e do bolhão constantiniano. Segue-se o XI período (357-358), em que as moedas FEL TEMP REPARATIO (FH3 e 4) apresentam um M no reverso, no campo, no exergo ou até mesmo atrás do busto. O último subperíodo, o XII período (355-358), é marcado pelas emissões de Iulianus Caesar do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH3 e 4)¹⁰³.

O XIII período (358-361) dá início à introdução do tipo AE4 SPES REIPVBLICE e termina com a morte de Constantius II. O período seguinte, XIV (361-364), correspondente ao reinado de Iulianus, que tenta uma nova reforma, em 363, reintroduzindo a cunhagem em dois módulos: AE1, com grande percentagem de prata e AE3, pequeno e sem prata. Este período termina com a morte de Jovianus, ditando o fim da casa de Constantinus¹⁰⁴.

No XV período (364-378), temos o início do reinado conjunto de Valentinianus I no Ocidente e Valens a Oriente, sendo que Valentinianus I faz uma reforma monetária com o abandono do sistema de Iulianus e o retorno do AE3 constantiniano, sem teor de prata. No ano seguinte, o usurpador Procopius tenta o retorno aos moldes de Iulianus, mas após a sua queda, em 365, Valentinianus I repõe a situação. Com a morte de Valentinianus I em 375, Valentinianus II sobe ao poder no Ocidente e divide-o poder com Gratianus, no Oriente, terminando este período em 378, com a morte de Valens¹⁰⁵.

O período seguinte, XVI (378-383) é marcado pela proclamação de Theodosius I no Oriente e por uma reforma monetária de Gratianus, que acrescenta ao A3, um AE2 e

¹⁰² Ver Nota de rodapé nº 14.

¹⁰³ *TMEDAT*, p. 29 e *TMTC*, p. 21.

¹⁰⁴ *TMEDAT*, p. 29 e *TMTC*, pp. 21-22.

¹⁰⁵ *TMEDAT*, p. 30 e *TMTC*, p. 22.

um AE4. Termina com a morte de Gratianus¹⁰⁶.

Com a subida ao poder de Arcadius, novo período se inicia, XVII (383-408). Estes anos ficaram marcados pelas cunhagens de Magnus Maximus e Flavius Victor, a generalização do AE4, a morte de Theodosius (395), o AE4 do tipo SALVS REIPVBLICAE (388-403), e termina com a morte de Arcadius¹⁰⁷.

Tal como faz J. Barbosa¹⁰⁸, criámos um grupo, XVIII (375-408), de modo, a integrar as emissões *vota* de Gratianus a Arcadius e as VICTORIA AVGG (1)¹⁰⁹ de Gratianus e Theodosius. Neste período temos ainda a ascensão de Valentinianus II, e termina com a morte de Arcadius.

Já dentro do século V, temos o XIX período (pós 408), que corresponde às entradas dos Suevos e Vândalos na Península. Assistimos então ao fim do domínio do império romano nessa região, com notórios reflexos no abastecimento da moeda que, sendo menor, faz com que continue a circular a moeda anterior e se tornem raros os numismas dentro deste período¹¹⁰.

Por fim, temos os grupos de moedas ilegíveis, o período XX, que corresponde às moedas com anverso, reverso ou ambos ilegíveis, que podemos colocar como cronologia, dentro do século IV. As seguintes, são o grupo XXI, de que fazem parte as moedas que, seja através de aspetos iconográficos, estilísticos ou pelo pequeno módulo, conseguimos colocar numa época de transição entre os finais do século IV e o século V, período em que a qualidade, quantidade e mesmo o módulo, diminui.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ *TMTC*, p. 22.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

¹⁰⁹ *LRBC*, p. 109.

¹¹⁰ Sobre este assunto veja-se *TMTC*, pp. 22-23.

Considerações finais

O conjunto monetário estudado enquadra-se nos típicos depósitos da época baixo imperial na Península Ibérica. Embora tenhamos alguns exemplares do século III, que demonstram a longevidade da circulação dos numismas, este tesouro, constituído por *antoniani*, *nummi*, AE2, AE3 e AE4, foi ocultado, muito provavelmente, entre o segundo quartel e meados do século V, sugerindo, assim, a possibilidade do estabelecimento de uma cronologia do abandono do povoado mais dilatada, embora os indícios obtidos de outros materiais, nomeadamente a cerâmica, se revelem, até ao momento, escassos.

No geral, as moedas encontram-se em mau estado de conservação, o que, além de dificultar a sua classificação, retira a possibilidade de leitura de algumas moedas, que, no caso de virem a ser devidamente tratadas, talvez se tornem passíveis de ser classificadas. Podemos ainda perceber, pelo seu estado, que estiveram, na sua generalidade, bastante tempo em circulação antes da sua recolha.

Queremos aqui destacar duas moedas pelas suas particularidades e raridade. A primeira, com o número 1184 do catálogo, é atribuída a Procopius (326-366), um usurpador no Oriente do Império, que esteve no poder cerca de 1 ano (365-366), num período em que se sentia grande instabilidade política no Império. Esta moedam, além do seu anverso curioso, revela um tipo de reverso que não se conhece cunhado sob ordem deste imperador, o que leva a concluir que se trata de um híbrido, provavelmente o aproveitamento de um cunho que restava, sendo o único caso reconhecido neste tesouro. A segunda moeda, com o número 1398 do catálogo, cunhada sob o nome de Theodosius II (401-450) e apresentando o que se pensa ser um reverso do tipo SALVS REIPVBLICAE, além da sua raridade, tem a particularidade de comprovar uma cronologia do tesouro, posterior, pelo menos, ao segundo quartel do século V.

Ainda que através do seu pequeno módulo e da fraca qualidade iconográfica, tenhamos conseguido atribuir alguns numismas ao período final do século IV e início do século V, devido à ilegibilidade da maioria dos exemplares deste período, não

conseguimos determinar com exatidão a sua cronologia, o que, caso tivesse sido possível de fazer, aumentaria possivelmente o número de moedas do século V.

Espera-se, com esta dissertação, ajudar a despertar a atenção para os tesouros monetários, assim como para moedas avulsas que se encontram por classificar e catalogar em tantos museus, coleções privadas e, ainda mais grave, em espólios recolhidos em intervenções arqueológicas. Destes tesouros, devemos principalmente salientar os do século V, menos estudados, possivelmente pela dificuldade que a classificação destes materiais oferece. Através de uma análise dos tesouros tardo-imperiais, conseguir-se-ia contribuir com informação relevante para os sítios arqueológicos, tanto relativa à cronologia do uso e abandono dos povoados, como para o estudo da economia, principalmente da massa monetária em circulação e das transformações do próprio sistema monetário, ou ainda político, refletindo o fim do Império Romano e a entrada de novos povos na Península Ibérica. O Castro de Monte Mozinho, na sua longevidade, desde os alvares do império até ao seu desfecho, tem-se mostrado um bom exemplo da repercussão periférica dos mais relevantes acontecimentos.

Referências bibliográficas

ABAD VARELA, Manuel, *Circulación monetaria en la Hispania Romana del siglo IV d.C.*, Madrid, 1989.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho (1974)*, Penafiel: Centro Cultural Penafidelis, 1974.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho II. 1975-1976*, Penafiel: Centro Cultural Penafidelis, 1977.

BAGNALL, R., *Currency and inflation in fourth century Egypt*, (*Bulletin of the American Society of Papyrologist, Supplements, 5*), Durham (NC), 1985.

BARBOSA, J., “O Tesouro monetário tardirromano de Chaira (Vinhais, Bragança)”, *Nvmmvs*, 2ª S., XXVII, Porto, S.P.N., 2004, pp. 7-175.

BARBOSA, M., “Tesouros monetários romanos em Portugal: da República ao reinado de Augustus”, *Nvmmvs*, II S., XXI/XXV, Porto, S.P.N., 1998-2002, pp. 7-144.

BOON, G. C., “Counterfeit coins in Roman Britain”, in CASEY, J., REECE, R. (eds.), *Coins and the Archeologist*, BAR 4, Oxford, 1974, p. 95.

BRUCK, G., *Die Spatromische Kupferprägung, Ein Bestimmungsbuch für schlacht erhaltene Münzen*, Graz, 1961,

BRUUN, P., “Site finds and hoarding behavior”, *Scripta Numaria Romana. Essays presented to Humphrey Sutherland.*, London, 1978, pp. 114-123.

BRUUN, P., *The Roman Imperial Coinage*, Vol. VII, London, Spink and Son LTD., 1966.

BURNETT, Andrew, *Coinage in the Roman World*, Spink, London, 2010.

CARSON, R. A. G., HILL, P. V., KENT, J. P. C., *Late Roman Bronze Coinage*, New York, reimpr., 1978.

CARVALHO, T., QUEIROGA, F., “O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos

- desenvolvidos”, *Cadernos do Museu*, nº 11, Penafiel, 2005, pp. 121-153.
- CASEY, J., “The interpretation of Romano-British site finds”, in CASEY, J., REECE, R. (eds.), *Coins and the Archeologist*, BAR 4, Oxford, 1974, pp. 37-51.
- CENTENO, Rui M. S., “A circulação dos DIVO CLÁUDIO na Península Ibérica: notas sobre um tesouro do concelho de Amarante”, *Portugália*, Vol. 2-3, 1981-1982, pp. 121-130.
- CENTENO, Rui M. S., “A numismática antiga: um balanço da investigação em Portugal”, *Acta Numismàtica 21, 22 e 23*, Societat Catalana d’ Estudis Numismàtics, Barcelona, 1993, pp. 63-75.
- CENTENO, Rui M. S., *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*, Anexos *Nvmmvs*, nº 1, Porto, 1987.
- CENTENO, Rui M. S., “Moedas”, *Escavações no Monte Mozinho. II, 1975-1976*, Centro Cultural Penafidelis, Penafiel, 1977, pp. 38-48.
- CENTENO, Rui M. S., *Moedas romanas de Fiães* (Relatório de Seminário de Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Porto, 1975.
- CENTENO, Rui M. S., *Moedas romanas do castro de Fiães (Aveiro, Sta. Maria da Feira)*, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2008.
- CENTENO, Rui M. S., “Quatro «denarii» de Monte Mozinho (Penafiel)”, *Boletim Cultural do Ginásio Clube Vilacondense*, nº 3, Porto, 1978, p. 55-59.
- CENTENO, Rui M. S., “Sobre o furto e o comércio de património numismático. O caso do tesouro de denários do Monte da Nossa Senhora da Piedade, em Alijó (CMNH I.52)”, *Nvmmvs*, 2ª S., XXXI/XXXVI, Porto, S.P.N., 2008-2013, pp. 7-11.
- HIPÓLITO, Mário, “Dos tesouros de moedas romanas em Portugal”, *Conimbriga*, II-III, 1960-1961, pp. 1-166.
- HIPÓLITO, Mário, “A necessidade de um centro universitário de estudos de numismática”, *Nvmmvs*, 1973, pp. 39-51.

- IDÁCIO, *Crónica de Idácio: descrição da invasão e conquista na Península Ibérica pelos suevos (séc. V)*, Braga: Universidade do Minho, 1982.
- KENT, J., *The Roman Imperial Coinage*, Vol. VIII, London, Spink & Son LTD., 1981.
- KENT, J., *The Roman Imperial Coinage*, Vol. X, London, Spink & Son LTD., 1994.
- KING, C., “Coleshill, Warwickshire”, *Coin Hoards from Britain Series 9*, Londres, 1992, pp. 242-278.
- LIRA, Sérgio, “Um tesouro monetário romano do Monte Mozinho”, *Nvmmvs*, 2^a S., VII/VIII, Porto, S.P.N., 1984-1985, pp. 59-82.
- MACHADO, F., *Uma cidade morta no Monte Mòsinho ou castro de Santo Estevão de Oldrões*, Imprensa da Universidade, 1920.
- PEARCE, J., *The Roman Imperial Coinage*, Vol. IX, London, Spink and Son LTD., 1951.
- PEREIRA, Isabel, “Achados monetários de Monte Mozinho, Penafiel”, *Conimbriga*, Vol. XIII, Coimbra, 1974.
- PEREIRA, I., BOST, J.-P., HIERNARD, J., *Fouilles de Conimbriga. III Les Monnaies*, Paris, 1974.
- PINHO, J. de, “A necrópole calaico-romana do Mòsinho”, *Pena-fidelis*, II, Penafiel, 1931, pp. 5-45.
- PINTO, J., “Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega”, *Nvmmvs*, 2^a S., XXVIII/XXX, Porto, S.P.N., 2005-07, pp. 7-299.
- PINTO, Rui de S., “Quatro denários”, *Pôrto Académico*, Ano VI, nº 3, IV série, Porto, 12 de fevereiro de 1928, p. 4.
- ROBERTSON, A., “Romano-British coin hoards: their numismatic, archeological and historical significance”, in CASEY, J., REECE, R. (eds.), *Coins and the Archeologist*, BAR 4, Oxford, 1974, pp. 12-36.
- RUIVO, José, “Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do séc. III”, *Nvmmvs*, 2^a S., XVI/XX, Porto, S.P.N., 1993-1997.

RUIVO, José, “Porto Carro e Sampão: dois tesouros Lusitanos de finais do século III”, *Nvmmvs*, 2ª S., XXXI/XXXVI, Porto, S.P.N., 2008-2013, pp. 21-265.

SIENNES HERNANDO, Milagros, *As imitações de moedas de bronze do século IV d.C. na Península Ibérica: o caso Ae2 Reparatio Reipub*, Trabalhos de Arqueologia 13, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2000.

SOEIRO, Teresa, “Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana”, *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª Série, Vol. 1, Penafiel, 1984, pp. 5-323

SOEIRO, Teresa (coord.), “Monte Mozinho. 25 anos de trabalhos arqueológicos: Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida”, *Cadernos do Museu*, Vol. 2, Penafiel, 1998, pp. 11-22.

SOEIRO, Teresa, “Monte Mozinho: a escavação do sector D”, *Cadernos do Museu*, Vol. 2, Penafiel, 1998, pp. 79-114.

SOEIRO, Teresa, “Monte Mozinho: a recuperação do sector B”, *Portugalia*, nova série, Vol. 21/22, Porto, 2000-2001, pp. 103-136.

SOEIRO, Teresa, *Monte Mozinho: sítio arqueológico*, Museu Municipal de Penafiel, 1998.

SOEIRO, Teresa, *Município de Penafiel: sítios tardo-romanos*, 2017.

SOUSA, Elísio Ferreira de, “As moedas encontradas na citânia do Mosinho (cidade morta) e as suas possíveis conclusões”, *Lucerna*, Vol. 4, Porto, 1965, pp. 249-269.

SOUSA, Elísio Ferreira de, “Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mòzinho”, *Douro Litoral*, 6 Série, Vol. 5/6, Porto, 1954, pp. 136-149.

SUTHERLAND, C. H. V., “Minimi, radiate and diademed: their place in roman and post-roman currencies”, *Transactions of the International Numismatic Congress (London 1936)*, London, 1938, pp. 252-261.

TERESO, J. P. e outros, “Crops and fodder: evidence for storage and processing activities in a functional area at the roman settlement of Monte Mozinho (northern Portugal)”,

Vegetation History and Archeobotany, Berlin/Heidelberg, Vol. 22, 2013, pp. 479-492.

VAZ, Filipe Manuel Costa, *Gestão e uso de recursos vegetais no Noroeste Peninsular: a antracologia de Monte Mozinho*, FLUP, Porto, 2012 (diss. de mestrado).

VILA FRANCO, Isabel, *La monetización del Noroeste de la Península Ibérica a través de la red viária terrestre en época romana*, Universidade de Santiago de Compostela, 2012.

WEBB, P. H., *The Roman Imperial Coinage*, Vol. V. Part I, London, Spink & Son, LTD., 1927 (reimpr. 1972).

WEBB, P. H., *The Roman Imperial Coinage*, Vol. V, Part II, London, Spink & Son, LTD., 1933 (reimpr. 1972).

Est. I



6



25



26



27

62

63



105

Est. II



64



211



422



784



1198



1364



Est. III



1398

